

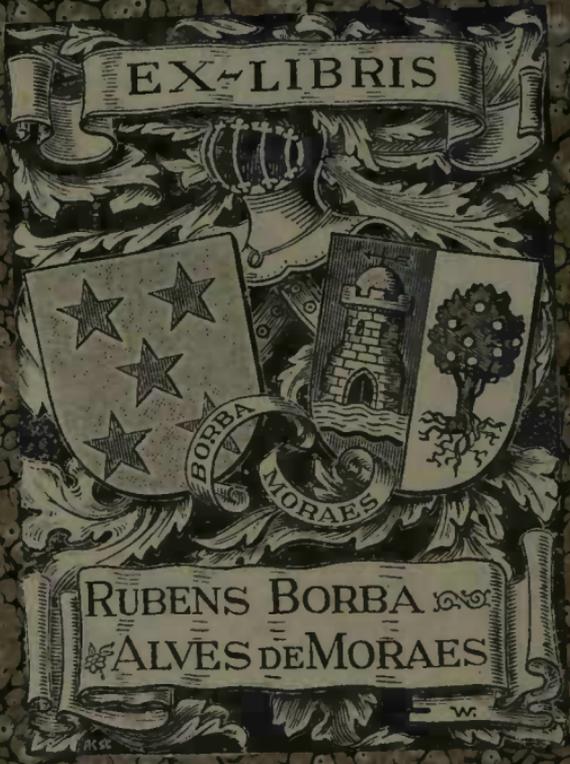


PAPELARIA
TYPOGRAPHIA

OBJECTOS DE
ESCRITORIO
DESENHO ETC.
SAO PAULO
BRAZIL

LIVRARIA
COLLECIAL
E ACADEMICA

PEORO de
S. MAGALHAES
- 29 -
Rua do Comercio
SAO PAULO
BRAZIL



EX-LIBRIS

RUBENS BORBA
ALVES DE MORAES

W

le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

FLORES

ENTRE ESPINHOS

París. — Typogr. de P.-A. BOURDIER e C^a, rua Mazarine, 30.

FLORES

ENTRE ESPINHOS

CONTOS POETICÓS

POR

J. NORBERTO DE S. S.

Ah! vem, deliciosa variedade,
Acode-me co'ò teu risonho enleio,
E borrafa de agrado estas rabiscas!

FRANCISCO MANOEL.

RIO DE JANEIRO
B. L. GARNIER, EDITOR

RUA DO OUVIDOR, 69

—
1864

— O que entendem por trabalhar?

Assim perguntava lord Byron e por si mesmo respondia, que compozera o seu lindo poema *Lara* naquelle anno de galhofas, em noite que se recolhia de uma mascarada.

Menor pretensão ainda devem ter

estes insignificantes contos a vista do poema do bardo inglez.

Não são, pois, fructos de trabalho, mas ephemeras producções de uma das variedades do ocio ou da preguiça, a que muitos como eu se entregam por desenfado, afim de não cahir em verdadeiro *spleen*, e que não seriam levadas ao cabo si rapidamente, durante a sua gestão, accudisse á mente a idéa de que era uma applicação séria em horas em que o espirito parece rebellar-se contra tanta servidão, pois que tambem elle tem o seu capricho. E' como as *primas dónas*.

Nem por outra cousa se deve entender a poesia.

Arregimentar as poetas entre os homens que trabalham seria dar-lhes uma occupação; mas dar-lhes uma occupação que nada rendesse seria tambem uma das maiores ironias aos olhos do seculo das locomotivas, dos caminhos de ferro, do telegrapho electrico, da photographia, e talvez da navegação aérea, e que em vez de Apollo invoca Mercurio.

Ja as deusas bancarias deslocaram as musas gregas e a propria palavra *poesia* foi, segundo a gíria parlamentar, transformada em synonymo de

mentira! O Portugal de outrora, que deixou morrer Camões a mingua, jamais pôde comprehender por que dom João de Castro cortava as arvores uteis de sua quinta para substituilas por uma harboreição rachitica e inutil. O proprio Camões vendo tantos cegos mettidos :

No gozo da cubiça e na rudeza
De uma austera, apagada e vil tristeza,

consolava-se da fatalidade que o havia tornado torto. Era pelo menos rei na terra dos cegos, segundo a sentença proverbial.

Ninguem entre nós comprehendeu melhor do que o govêrno a missão do

poeta. O ministro a quem ahi se recommenda algum moço de imaginação ardente, capaz como Torquato Tasso de ter na cabeça meia dusia de epopéas esplendidas, ou um theatro como Calderon e Lopez de La Vega, a primeira cousa que lhe faz é lhe dar um emprego que o despoetise, que lhe petrifique a imaginação e o torne na maior e mais chilra prosa deste mundo e, ainda para mal dos seus peccados, sugeita-lhe a inspiração livre e ousada ao liyro do ponto! Entrando para a repartição a que o destinam elle póde, antes de agarrar-se como um bicho da seda ás folhas do orçamento, de que fará o seu triste nutrimento, bater na testa e dizer

como André Chenier antes de entregar a cabeça ao gume triangular da ensanguentada guilhotina :

— E' pena, pois aqui havia alguma cousa !

Mas não quero ser injusto. O que ha de ahi fazer um ministro a bem de tantos poetas que temos? O orçamento não lhes dá verba e por tanto avemham-se como poder nas repartições, que ainda em cima é favor. A culpa é do seculo, isto é, tem sido sempre e não dos homens e, antes que desapareça essa inconveniencia, desaparecerão os poetas. Os tempos que ahi vem promettem ser ainda mais positi-

vos e prosaicos que o nostro. Pelletan assim o afirma quando diz que o mundo marcha !

Gresset, aquelle gajato que escreveu *Vert-Vert*, dizia de seus escriptos :

J'en fais pour me désennuyer.

Nem outra pretensão deu origem a estes contos ou cousa que melhor nome tenha. Como Gresset os fiz por desenfado, sem que contudo tivesse a consolação de Camões, de ir vivendo á custa de minhas pobres trovas.

Dizia o cantor dos *Luziadas* :

Porém n'esses cançados pensamentos
Passo uma vida van que sempre dura.

A minha vida pelo contrario não dura, evapora-se mais e mais, ainda mesmo metrificando, como ja de si afirmava o grande Bocage :

Meu ser evaporei na insana lida.

Nem todos são Là Fontaines para querer embalar o mundo com suas fabulas e contos, e ainda menos escrevendo em portuguez !

O que ahi vae nem sempre é original; mas asseguro tambem que não ha plagio. Isso é bom para os chronistas do nosso tempo, dos quaes cumpre fugir como de febre amarella, embora chamem elles a isso *horror*.

A' alguns espiritos nimiamente moralistas talvez pareçam estes contos indecentes, e até immoraes. Mas não são. Reina n'elles, sim, uma tal ou qual liberdade mais ou menos decente, porém não farão corar de pejo as leitoras de *Horas e Flos sanctorum*. E de mais se ha olhos perspicazes, que apesar de sua candidez e inexperiencia descubram serpentes entre flores, não é o veneno das serpentes que lhes ha de fazer mal.

Para quem lê e não entende, a malicia ⁽¹⁾ é cousa que passa desapercibida e não causa damno, como *flores entre espinhos*.

Para quem lê e entende a malicia, por certo que a conhece de ha muito tempo e então ainda menos mal ha que a veja entre flores.

A theoria si não é boa, tambem não é minha. Ja dorme — e infelizmente! — no tumulo ha annos quem a expoz e a apatrocionou na celebre *Pacotilha*.

Ao menos assim pensava o joven José de Assiz.

Eu não a espóso sempre; adopto-a, porém, para este livrinho que ahi vae cahir em mãos de amigos e inimigos,

parciaes e imparciaes, que louvam ou censuram a seu talante⁽²⁾.

Pois divirtam-se a seu modo, que é o que todos nós faremos n'este mundo em quanto nos deixam.

Rio de Janeiro, 1863.

CONTOS POÉTICOS

O DIZIMO

Lá ao pé de erguida serra,
Por onde um rio caminha
A sussurrar entre flores,
Ergue-se uma cabaninha;
E'a linda habitação
De um pobre e bom hortelão.

Mas ao lado de sua esposa
Antonio vive assaz triste

Com os dizimos que paga
Ao cura que não desiste
Da pia contribuição,
Que é de sancta instituição.

Tem dez gallinhas? O cura
Ja o dizimo lhe cóbra.
Põem ellas óvos ás duzias?
De zelo o cura redobra :
Não perdôa um so real ;
Acha isso natural.

Roça o coitado o seu mato,
E entrega á terra a semente ;
Nasce um milharal subérbo,
Põe-se grande de repente ;
E o cura os olhos lá têm
A espera dos dez por cem !

E o bom do padre não cessa
De correr de roça em roça ;
Em busca do sancto dizimo
Visita qualquer palhoça ;
Não é de ovelhas pastor
Mas de dizimos credor !

Os roceiros quando o avistam
Ja dizem : — « Lá vem o cura,
Que pensa mais no seu dizimo,
Que na esp'ritual ventura ;
Pérca-se embora o christão,
Porém o dizimo não ! »

E ao lado da cara esposa
Antonio vive assaz triste,
Com os dizimos, que paga
Ao cura que não desiste
Da pia contribuição,
Qu' é de sancta instituição.

Um dia a esposa mirando
Conhece que a prole sua
Vae em crescente progresso,
E que na próxima lua
Mais um filhinho terá,
Pois a esposa lh' o dará.

Os filhos que tem reconta,
Qu' é a prole numerosa ;
Accode-lhe á mente logo

Uma idéa luminosa ;
E de contente bateu
Na calva que Deus lhe deu.

Ja Antonio mais alegre
Se mostra ; ja ri-se e canta ;
E de ver redonda a esposa
Todo de gôsto se incanta ;
Beija contente a mulher ,
Que agora mais bem lhe quér.

E a mesquinha receia
Aquelle alegre sorriso ;
Teme que o marido perca
O ja minguado juizo ;
E o alegre hortelão
Dansa com satisfação !

Assim se passam os dias ;
Elle olhando para ella,
E de gôsto se sorrindo ;
E a meiga esposa singela
Não sabe a razão se quer
De tam estranho prazer !...

E um dia vêm-no os filhos
Sahir da materna alcova,
E ja lá de casa em fóra,
Sem ter nada que o demora,
Ir no trilho que o conduz
A porta de negra cruz. ⁽³⁾

E Antonio volta logo
Dando o braço muito inchado
A' sua velha comadre;
E anda tam apressado
Que nem sabe por um triz
Aonde ponha o nariz.

Instantes depois o homem
Té chora de satisfeito!
Uma tenra criancinha
Aperta de ençontro ao peito...
Ah pela décima vez
Pae a natureza o fez.

E manda por um dos filhos
A' casa do sancto cura
Que venha sem mais demora

Ver mais uma creatura,
Que a augmentar os bens seus
Envia-lhe agora Deus.

Eis o cura, que abençoã
O menino recém-nado;
E depois se retirando
A firmar-se em seu cajado :
— « Benja o Deus, da porta o diz,
E o faça assaz feliz! »

— « Meu cura! Brada-lhe o esposo,
Alto! Tenha paciencia!
Eis um dizimo, — e que dizimo!
Para vossa reverencia.
Quem dizimo de tudo quér
Não ha de este receber? »

— « E' Dizimo? Pergunta o cura,
Pois venha sem mais demora;
Melhor si for cousa boa,
Mas seja má muito embora;
Dae a besar os fóros seus,
Dae a Deus o que é de Deus!

— « Aqui o tem ! Lhe volta Antonio ;
Tal dizimo me não reprove,
Que o é tambem este filho,
E ainda me ficam nove !
E' sagrada, é sancta a lei ;
Eu illudil-a não sei ! »

— « Que remedio, diz o cura,
Terei sinão acceital-o ?
Acceito o dizimo ; acceito ;
E vou eu mesmo crial-o ;
E' filho digno de Deus,
Merece os cuidados meus. »

Para casa o leva o cura
Sem mais algum empicilho,
E o educa esmeradamente,
Como se fosse seu filho ;
E o povo a murmurar
Anda o caso a commentar !

E Antonio cabisbaixo
Desde então tórna-se triste,
E a banzar lá diz consigo :

— « Quem sabe o que ahi existe?
Si o cura á mulher tambem
Pedido o dizimo tem?! »

A CONFISSÃO

Sobre as azas da alegria,
Entre enganos ruidosos,
Entre vivas jubilosos,
Expirára o Carnaval.
Oh ! quanta moça faceira,
Que muito se divertira,
Morrer com pena não vira
Esse triduo sem igual.

A rotula então perdêra
Todo o sigillo, se abrindo,
E um rosto moreno e lindo
Livre e ousado se mostrou ;
E mais de um braço certo
Achou um alvo condigno,
Em que amavel, benigno,
Os seus tiros empregou. ,

Oh como então era grato
Ver bello limão de cheiro
N'um peito meigo, faceiro
Espargir mimoso odor !
Era como doce beijo,
Que, dos labios se arrancando,
Lá ia ardente voando,
Que azas lhe dava amor.

Outras vezes, mais ousado,
O amante penetrava
No lar que a moça habitava
Como uma pura Vestal ;
E então, globos de cêra,
Contra globos mais mimosos,

Dedos trem'los... receiosos...
Espremião... menos mal!

Ainda sobre as calçadas,
Quaes conchinhas de mil côres,
Ou quaes despencadas flôres,
Vê-se a cêra dos limões :
Signal de que o combate
Fôra forte e vigoroso,
E de parte a parte houroso
Aos valentes foliões.

Mas agora? Eis a cidade
Toda santa e penitente ;
Do Janeiro a bóa gente
Se apressa a se confessar ;
Molhos, banhos, mil enganços
Aos incautos impingira,
Porém, agora suspira
Nas igrejas a rezar.

Oh! era um povo devoto,
Cantado pelo poeta

Naquella lyra selecta
Que o seu Rio engrandeceu ;
Sim, S. Carlos fez no mundo
Celebrada esta cidade
Pela religiosidade
Que tinha... mas que perdeu.

Pela rua todo o povo
Em procissão caminhava,
E o sacro terço entoava
Ante o altar da mãe de Deos ;
Quantas luzes nessas noites
Não-reflectião de uns olhos
Que tinham settas a molhos
Para convencer a atheus !

A través das verdes rotulas
Brilhava muito semblante,
Com seu olhar penetrante,
Vendo a pia procissão ;
Nas contas de seu rosario
As moças ali rezavão,
E se alguma vez peccavão,
Peccavão de coração !

Bello tempo ! Quão depressa
Deixou a nossa cidade !
A nova sociedade
Tudo — ai tudo ! — reformou !
Tanta dansa e patuscada
De nossa paterna gente,
Tanto folguedo innocente,
Tudo — ai tudo ! — se acabou !

Já ia a quaresma em meio,
E a cidade penitente
Lá corria diligente
Ao templo a desobrigar ;
Ia pela madrugada,
Antes que as trevas fugissem,
A esperar que se abrissem
As portas de par em par.

Eil-a em sua cadeirinha,
Velha, sisuda matrona,
Excellentissima dona,
Viuva de um militar ;
Militar que na Bahia
Combateu dura influencia,

E a prol da independencia
Soube a vida á patria dar.

Segue atrás a filha sua,
Cujá belleza tem fama,
Bem como a sua mucama,
E tambem o pagem seu ;
E traz para mal peccado
Aquelle rosto tão bello,
Que é da natura desvello,
Envolto em reñdoso véo.

Caminhava gravemente
Em quanto a mãi, emballada,
Ia por pagens levada
Em seu lindo palanquim.
As cortinas se agitando
Mostravão quem ali ia,
Toda ouro e pedraria,
Toda riqueza sem fim !

Chegou, chegarão á ladeira
Do rico e grande convento,

Onde então tanto talento
Lhe dava mago esplendor...
Apeou-se a dona; e o vestido
Com donaire arregaçando,
E á filha se apoiando,
Subio com cansaço e dôr.

Que scena para seus olhos
Lá do adro do mosteiro !
Do dia o almo luzeiro
Annunciava o arrebol;
Reinava suave a briza,
E o rubido oriente
Se tornava refulgente
Aos raios do claro sol.

Dos sinos dos campanarios
Grave e triste o som rolava,
E a cidade acordava
A chamando á devoção :
Entrou, entrárão; na pia
Já benta agua tomárão,
E ante o altar se prostrárão
Para a primeira oração.

Sentáráo-se. A um aceno,
Eis o pagem se approxima,
A mãe apressada o intima
Que vá o frade chamar :
Partio, e, mais que depressa,
Eis com elle o santo frade,
Frei Gil da Natividade,
Que já as sabe confessar.

Aquella santa cadeira,
Onde a verdade se escuta,
E a santa virtude luta
Por o peccado acabar,
De figura veneranda,
Gravemente caminhando
Com aspecto venerando
Se foi o frade sentar.

A mãe mandou que primeira
Fosse a galante menina,
Que, de fraca e pequenina
Confissão jámais passou,
Tanto que todos os annos
Reprehende-a, lhe dizendo

Que de culpas se esquecendo,
Mal ou não se confessou.

Eil-a tremula, vacillante,
Aos pés do bom sacerdote,
Que o valor, celestes dote,
Da alma sua fugio.
Orou... Os labios trementes
Mal balbuciar puderão...
Phrases mil... que se perdêrao...
E o que o padre não ouviu.

« — Minha filha, o que te assusta?
O que é que te apavora,
Pois a virtude não mora
No teu peito inda infantil? »
Assim lhe fallava o padre;
Porém ella tiritava.
Tremia, balbuciava
Ali aos pés de frei Gil.

« Dize, responde; cumpriste
A passada penitencia

Com aquella obediencia
Que deve ter o christão? »
« — Padre, dizia a menina,
Cumprí tudo o que ordenaste,
Fiz tudo quanto mandaste
Para minha salvação. »

« — E com cuidado fizeste
Da consciencia o exame
Para sem grande vexame
Aqui te vir accusar?
« — Sim, meu padre, assaz, bastant
Meditei na minha vida,
E de vergonha opprimida
Aqui venho hoje expirar. »

Annuviou negra sombra
Os olhos do padre afflicto,
Que suppóz grande delicto
Naquelle seio infantil;
E uma lagrima rolára
Pelo semblante rosado
Daquelle anjo, que prostrado
Estava aos pés de frei Gil.

O padre tirou da caixa
E do lenço de Alcobaça,
E não sem donosa graça
Longa pitada sorveu.
« — Vamos, disse elle, coragem,
Coragem, minha menina,
Que a misericordia divina
Sempre, sempre nos valeu

« — Sim, meu padre, terei animo,
Disse ella, assaz tristonha,
Bem que de dôr e vergonha
Ai não sei como aqui estou !
Mas, meu padre, elle era bello,
Era em extremo formoso,
Tinha o olhar amoroso,
Que foi só o que bastou !... »

Frei Gil suspirou ainda,
Prevendo negra desgraça,
E o seu lenço de Alcobaça
Pelo semblante passou :
A menina ali prostrada,
Cheia de mágoa chorava,

Suspirava, soluçava,
Como nunca soluçou.

« — Vamos, disse elle, coragem,
Coragem, minha menina,
Que a misericordia divina
Jámais nos desamparou. »

« — Sim, meu padre, eu continuo,
Mas talvez que não acabe,
Que só Deos, ah ! só Deos sabe
Como é que eu aqui estou !

« Meu padre ! Eu amava-o tanto
Que o momento que o não via
Dentro em meu peito sentia,
Sentia saudosa dôr ;
Ah ! perdôa-me, meu padre,
Perdôa-me essa loucura,
Mas eu achava ventura
Em dedicar-lhe esse amor !

« Ah ! mal que a aurora rompia,
Corria logo á janella,

Destoucada, chan, singela,
Como o sentido de o ver;
Tambem elle, todo cheio
De caricias, já lá estava,
E cada vez mais formoso
Tinha um olhar amoroso
Que o não posso descrever.

« Tudo, tudo quanto eu tinha
Eu lhe dava de bom grado;
Já era por elle amado,
Ah! já me tinha affeição:
Se não me via á janella,
Mostrava-se mesmo afflicto,
E até ás vezes n'um grito
Patenteava a afflicção.

« Meu Deos do céo, ah! perdôa,
Ah! perdôa o meu peccado,
Elle foi por mim amado
Como o ente mais feliz!
Para goza-lo, p'ra tê-lo
Junto a mim, para afaga-lo,
Para amoroso beija-lo,
Oh! meu Deos, o que não fiz!

« Minha amiga o possuia
E á janella o beijava :
Ah ! de ira eu me abrasava,
E até chorava de dôr :
Dormia... de balde o somno
Vinha para meu alento ;
Mas o sonho... oh ! que tormento,
Oh ! era um sonho traidor !

« Eu dormia, e então sonhava
Qu'elle cheio de caricias
Fazia minhas delicias,
Dormindo nos braços meus :
Acordava, e não o vendo,
Ai... suspirava, chorava,
E, meu padre, blasphemava
Até do nome de Deus.

« Possui-lo, possuí-lo
Era todo o meu intento ;
Era o desejo violento
Desta alma que se perdeu !
Ah ! meu padre, que peccado,
Que peccado vergonhoso, .

Negro, infame e horroroso,
Esta filha commetteu ! »

Um suspiro doloroso
Soltou frei Gil consternado,
Tendo sempre o olhar cravado
Naquelle anjo tão gentil :
E a mãe que ali rezava,
A mãe se impacientava
Vendo o muito que durava
A confissão infantil.

« — Meu padre, o demonio tenta
A infeliz creatura,
Azedando-lhe a ventura,
E elle foi quem me perdeu ;
Ah ! que tremendo delicto,
Que loucura, que attentado !
Foi mais que feio peccado
Que a tua filha perdeu.

« Padre, perdôa, perdôa,
Perdôa, que não te digo

Como foi que dei-lhe abrigo
Em a minha habitação;
Oh! minha mãe não o soube,
E eu estou que ainda agora
Ella de tudo ignora
Sem a menor suspeição.

« Não fui essa noite ao terço
A que em vão a mãe chamou-me,
A mucama desculpou-me
Do modo que achou melhor
Oh! que noite tão ditosa,
E também tão aborrida!
Essa delicia querida
Se tornou em pura dôr!

« Na posse d'elle, oh! que mimos
Não gozei quando o beijava!
No meu seio se aninhava
Cheio de meiga paixão;
Nos seus olhos amorosos,
Ai! que também me animava,
E de jubilo trasbordava
No meu peito o coração.

« Que remorso agora sinto !
Ah ! se então eu reflectisse...
Se as consequencias previsse
Do que eu só fazia então...
Mas ah ! meu padre, esqueci-me
De teus conselhos prudentes,
Seguindo impulsos vehementes
Da maldita tentação.

« Oh ! que noite !... Oh ! que ventura !
Esta alma triste inundava !
O prazer que me assaltava
Em phrases não se traduz !
Elle dormia... em meus braços...
Dormia, e só eu velava,
Quando vi que arrebentava
Junto a mim incerta luz.

« Meu Deos ! Que cruel vergonha !
Que sobresalto que tive !...
Ai ! quasi, quasi que estive
De estalar, de arrebentar ;
Era a mãe, a mãe que vinha
Toda cheia de cuidado,

Com seu andar compassado,
Á sua filha examinar.

« Padre, meu padre, que transe!
De meus braços o afastando,
E com meu corpo o occultando
Por cima delle passei...
Pobre infeliz! Nem ao menos
Soltou um leve gemido!
Nem um soluço dorido
Sequer eu delle escutei!

« E eu, meu padre, e eu era
Toda, toda convulsiva;
Se estava morta, se viva
Eu não sabia dizer!...
A mãe me tomou o pulso,
Passou-me a mão pela testa,
Achou-a fria... molesta...
Achou-me toda a tremer.

« Abafou-me com as roupas
De meu leito, e retirou-se;

Ai! tudo em trevas tornou-se,
Tudo tingio-se de horror :
Volvi-me a elle... Ah! meu padre,
Valei-me com algum conforto,
Sem vida... sem vida... morto...
Ai! morto por meu amor! »

« — Deos do céo, exclama o padre ;
Ai ! tão culpada quão bella !
E posso eu absolvê-la
De tanta abominação ? »
Mas a mãe, que ali rezava,
Assaz se impacientava
Vendo o muito que durava
Da menina a confissão.

« — Sim, morto por minha causa,
Elle que era tão formoso !
Oh ! que remorso horroroso !
Oh ! que penar sem igual !
Em vão á vida chamei-o
Com meus beijos abrasados
Nos labios desanimados,
Em sua boca glacial !

« Era um cadaver... já frio...
Corpo... que terra pedia...
E que eu nem sequer sabia.
Como o havia de esconder !
Ali com elle abraçado
Procurei a sua sorte,
Busquei seu gelo de morte,
Desejando assaz morrer.

« Ah ! que castigo temivel !
Oh ! que noite de agonia !
Não tardava a vir o dia
P'ra tudo isso mostrar ;
E o que devia, meu padre,
Fazer esta creatura
Em tamanha desventura,
Cheia de tanto pezar ?...

« Abri a minha janella,
Que dá para estreita rua...
Não brilhava mais a lua...
E era tudo escuridão !
Tudo era deserto, tudo ;
Só eu na terra velava,

Que negro pezar ralava
Este triste coração.

*

« Volvi-me outra vez ao leito,
Abracei-o, e inda beijei-o,
Tomei-o sobre o meu seio,
A' janella o conduzi...
Ninguem passava... deserto
Era tudo... ó céos, deixei-o,
Deixei-o cahir no meio
Da rua, e... seu baque ouvi! »

« — E depois, bradou o padre,
E depois o que fizeste
Que assim essa alma perdeste,
Que não te acho salvação? »
«— Padre, a menina lhe volta,
Perdôa, perdôa esta alma;
Em nome de Deos me acalma,
Me acalma tanta afflicção!

Mas eu... » calou-se, e as lagrimas
Em fio se deslisarão,
E do peito se soltarão,

Suspiros a mil e mil.
« — Filha, de duro castigo
E's hoje merecedora,
E's mais do que peccadora,
Lhe disse forte frei Gil.

« E quando vio a justiça
Esse corpo... frio... quedo,
Exangue... sobre o lagedo
Nada buscou indagar?
Em summa, ajuntára o frade,
Confessa quem elle era,
E tudo quanto fizera,
Sem o seu nome poupar. »

« — Seu nome? Quem elle era?
Ah! sim, frei Gil, eu me explico
Era... era..., era um mico
Da maior estimação!... »
Frei Gil respirando a largas,
Sem que de mais indagasse,
Nem peccados perguntasse,
Lançou-lhe a absolvição.

A mãe, que a vendo chorosa

Já mil cousas suspeitava,
Tristonha se ajoelhava
Junta de seu confessor ;
Porem o frade lhe disse
Com seu semblante pudico :
« — Nada de historias de mico
Que me arripião de horror ! »

Do que elle contára a ella
E' facil de ser sabido,
Pois o caso divertido
Deu no convento que rir :
Inda hoje se a mãe contempla
A filha em sua innocencia,
Embora toda indulgencia,
Não se deixa de sorrir.

Frei Gil, que sob a estamena
Um homem santo occultava,
Na penitencia que dava
Era duro alguma vez :
Assim á sua vizinha
Pedio a menina bella,
Mesmo da sua janella,
Perdão do furto que fez ⁽⁶⁾.

A VIUVINHA

*

Funebremente gemendo
Estão os sinos nas torres,
A todo o Rio dizendo
Que um Christão se finou;
Foi o illustre Germano
Que a vida emfim exhalou,
E a esposa tão moça e linda,

Mais linda deixára ainda,
Co' o dote que lhe deixou.

Porém ella, inconsolada,
Derrama saudoso pranto,
Geme toda amargurada
A morte do caro bem ;
Em vão para consola-la
Toda a familia ahi vem ;
Ella somente chorando,
No pranto que vai soltando
Allivio seguro tem.*

A porta de luto armada
Infunde muita tristeza ;
A sala toda enlutada
Esparge em torno pavor ;
No meio se eleva a eça
Onde o feretro vão pôr ;
E as luzes que o rodeião
Parece que se arreceião
Ostentam seu esplendor.

No fundo a cruz se alevanta,
Aonde o Crucificado

Inspira coragem santa,
E nos ensina a morrer ;
Quadro sublime e tão bello
Para quem ousa descrever,
Que tantos, indifferentes,
E que se confissão crentes,
Sem fé, sem dó ousão ver !

Entre os teus sétins, ô morte,
Descansa pr'a todo o sempre,
Quem hontem robusto e forte
Promettia assaz viver !
Mas o peixe pela boca
Afinal vem a morrer ;
E Germano noite e dia
Estudou gastronomia ;
Para a bel prazer viver.

Que petiscos saborosos
Não desfructou o magano ?
Que vinhos tão generosos
Não provou mais d'uma vez
E após a lauta mesa
Vinha o charuto havanez,
E no *dolce far niente*

Passava a sesta contente,
Como se fosse Hollandez!

É verdade que o pescoço
Desappareceu-lhe entre os hombros
Que do succulento emboço
Asinha se arreceiou ;
Mas a sua obesidade
Jámais limites achou,
E de progresso em progresso
Não quiz saber de regresso,
E o homem estourou!

Vem chegando os convidados
Que á linda e bella viuva
Se dirigem consternados
Para lhe os pezames dar ;
« — É o caminho de todos,
A nossa hora ha de chegar ! »
E com a phrase sediça
A dôr de novo se atiča,
Para a viuva chorar !

Chega a hora : o sahimento
Vai caminho do sepulchro ;

Oh que tão triste momento!
Reina a dôr e a confusão!
Vem escravos, vem escravas
A beijar a fria mão;
E abraçada a esposa ao esposo
Derrama pranto amargoso,
Abre aos ais o coração!

Quer com elle á sepultura
Caminhar, morrer com elle,
Pois tamanhá desventura
Não saiba que possa ter
Um termo lá no futuro,
Que nos faz tudo esquecer;
A noite encobre o passado,
Mas o dia abrilhantado
Nos faz o futuro ver...

A mãe, que tambem por essa
Já passou, contra o seu gosto,
Para arranca-la da eça
Emprega os esforços seus;
Brada, manda e até implora
Em nome do santo Deos,
Mas a filha não entende;

Surda a tudo, a nada attende;
Involta em seus negros véos.

Afinal, que para tudo
Ha remedio cá na terra,
O caso é geito e estudo,
Sempre o feretro sahio,
Pois que a menina deu tempo
No desmaio em que cahio,
E a si depois tornada
Em furor, desesperada,
Mais e mais então se vio!

A mãe porém que sabia,
Como boa abelha mestra,
Curar-lhe a dôr que trazia
Em estado assim tão máo,
Lembrou-se que possuia
Um tal manequim de páo,
E lá do olvido o arrancando,
E o pó do tempo espanando,
O vestio de balandráo.

Depois o foi pôr na cama,
Onde outr'ora o par amavel

Em doce amorosa chamma
O frio inverno passou ;
A menina que tal víra
Não sei que graça lhe achou
Que para a cama subindo,
E logo os braços abrindo,
O manequim abraçou.

A mãe que maliciosa
Era como as mais mulheres,
Se bem que mui carinhosa,
De sorrir-se não deixou ;
E logo a boa da filha
Por sua vida jurou
Adorar essa figura
Do esposo, que á sepultura
P'ra todo o sempre baixou.

« — Sim, soluçando disse ella,
Para lembrar meu marido
Esta estatua, qu' é tão bella,
Ha de comigo dormir ;
Eu quero todas as noites
De meus beijos a cobrir ;
Meus afagos e carinhos,

Meus affectos e beijinhos
Só com ella repartir.

« Morreu, mas sua lembrança
Vivirá nesta figura,
Qu' é a sua semelhança
Depois que a morte o ferio,
Depois que p'ra todo o sempre
O meu coração partio
Com tantas magoas saudosas,
Tão crueis, tão dolorosas,
Quaes ninguém nunca sentio! »

Calou-se. Longo gemido
Do imo do terno peito
Tremulamente sahido
Na sua alcova soou ;
E inda uma vez e outra
A dura estatua abraçou,
Até que os olhos fechando
E o triste pranto estancando,
Dormindo foi e... roncou !

Sete dias se passarão
Depois que o esposo finou-se,

Visitas lhe não faltáráo,
Algumas com intenções ;
Que uma rica viuvinha
Faz bater mil corações !...
E Xiquinha tão chorosa,
Não via a chamma amorosa
De interesseiras paixões.

Porém na missa que ouvira
Por alma do seu esposo,
É certo que a moça vira
Junto della ajoelhar
Um moço de bons bigodes
Que julgára militar,
E que emquanto ella rezava
Elle para ella olhava,
Sem co'a missa se importar.

Quem seria? Ella sahindo
Da igreja o perdeu de vista,
E para a chac'ra partindo
Nunca mais se quer o vio ;
E ignorando o seu nome
Jámais fallar nelle ouvio,
Porém sempre o seu retrato

A sua mente tão grato
Fiel se lhe reunio.

D. Xiquinha no emtanto
Pelo seu fiel Germano
Derramava triste pranto,
Triste pranto sem cessar ;
Sómente d'elle, só d'elle
Desejava ouvir fallar,
E, ainda que secco e pecco,
Não ia sem o boneco
Para a cama a se deitar.

Já muitos que pretendião
Merecer os seus affectos,
E que frustrados se vião
Em seus projectos de amor,
Contra ella começavão
A derramar um rumor...
Rumor que crescendo ia
Tanto quanto lhes crescia
Para elles o rigor.

O tio, homem solteiro,
Destes calvos, que parecem

Um monte em que houve **aceiro**,
Pretendia a sua mão;
E namorava-lhe a burra
Com verdadeira paixão,
Mas a viuva fingia
Que nada disso entendia,
Com fina penetração.

O homem, porém, que era
Negociante, que estava
Oxilante, como a hera
Se o apoio a faltar-lhe vem,
Jurou fallar-lhe mais claro,
E como se fosse alguém,
Veio de caso pensado
Com seu recado estudado
Para quem queria bem.

Fóra de estylo, batendo,
Teve entrada, e pela sala
Ia com os olhos correndo,
Quando a moça appareceu;
E elle sem mais demora
Para ella se volveu,
E disse muito sabido:

« — Para ser vosso marido,
Sobrinha, aqui venho eu. »

« O caso é serio; a menina
De se casar necessita,
E se eu cá por minha sina
A vossa mão merecer,
Juro que a vossa fortuna
Em bem pouco ha de crescer,
E que felizes, ditosos,
Bem unidos, venturosos,
Havemos nós de viver. »

A viuvinha isto ouvindo
Ficou tal qual uma rosa,
Porém depois se sorrindo
Humilde lhe respondeu :
« — Para casar com meu tio
Por ventura quem sou eu?
E depois ainda um anno
Não ha que o seu bom Germano
Sua sobrinha perdeu. »

« — É certo, o velho lhe disse
Occultando que a resposta

Lhe irritava a rabugice,
Pois era de máo humor ;
Não sabeis que por ahi
Já ha boato e rumor ?
Já se falla da menina...
Ah que uma lingua ferina
Não poupa seja o que fôr !... »

E não acabava, quando
A mãe da bella viuva
Veio pela sala entrando,
Com aquella affectação
Que sempre tem as viugas
De mais madura estação,
Que apezar do luto buscão
Enfeites, com que se offuscão,
Crendo chamar attenção.

« — Ora eis ahi, diz o velho,
Quem chega bem a proposito
Para dar o seu conselho,
Que por força ha de ser bom ;
Pois trato agora (isto é serio)
De ver se me caso com
A tua angelica filha,

Seja embora maravilha
A um velho sem tom nem som. »

Franzio a boa da velha
O beijo logo dizendo :
« — Se comigo se aconselha,
Então nunca casará :
A menina passa bem,
Necessidade não ha,
E se tornar a casar-se,
Bom é já desenganar-se,
Por meu gosto não será. »

Não gostou o bom do tio
Do sermão, e affectando
Mais prudencia e sangue frio
Sua conversa mudou ;
Era tarde, e até a noite
Risonho se conservou ;
Quiz fazer a retirada
Menos má, boa e honrada,
Té que afinal se escamou.

O velho de noite e dia
Pensava no seu projecto,

Mas ao certo não sabia
Como torna-lo real ;
Dia e noite visitava
A sobrinha, é natural,
E alguma vez se esquecia
D'ir para a casa e dormia
Qual podia, menos mal.

O maligno! Já traçado
Tinha o plano da conquista,
E a vê-lo realiado
Seus esforços envidou ;
Sabia bem que a sobrinha
Jámais de dormir deixou
Co'a tal imagem querida
Daquelle que em sua vida
Sempre adora-la buscou.

E teve então a lembrança
De querer substituí-lo,
Pensando que tal mudança
Muito havia de agradar
A' namorada sobrinha
Quando visse se animar
Esse páo, essa figura,

Como se da sepultura
Visse o marido voltar.

Uma noite que, entretido
Na conversa se fingio,
Pela hora sorprendido
Lá se deixára ficar,
Quando vio tudo dormindo
Brandamente a respirar,
Foi direito ao aposento
De quem nem por pensamento
O desejava enxergar.

E á luz da lamparina
Seus olhos... ah! profanárao
Tanta belleza divina
Do corpo formoso seu!
Quasi todo descoberto...
Porque o lençol lhe pendeu...
Quasi todo descoberto...
Que o velho ali... boquiaberto
Ah! nem mesmo um passo deu!

Comsigo mesmo lutava
Sem saber o que fizesse,

Sem saber o que intentava,
Té que o animo ganhou,
Voltou em torno, do leito
E o boneco lhe'tirou,
E do seu negro vestido
Foi o manequim despido,
Que o velho em si o encaixou.

Manso e manso como um gato,
Quando prepara o seu bote
Querendo empolgar um rato,
Assim o velho saltou
Sobre o leito da viuva,
Então se espreguiçou;
E ella, sem que acordasse.
Sem que em sonho tal pensasse,
Para elle se voltou.

Sem respirar, caladinho;
Sem mover-se, o bom do velho
Estava como um santinho
Com o demo no coração;
E ella sem que acordasse
Lhe lançou a nivea mão;
Mas estranhou a figura,

Por molle, quando era dura,
Que sentio certa impressão.

Acordou e reflectindo
Que bem podia ser sonho,
Quiz ver se outra vez dormindo
Sonhava com o esposo seu,
E com o duro boneco
Aos abraços se coseu
Porém sentio-o flexivel,
E o coração tão sensivel
A palpar perceber !

Com cabellos eriçados,
Tomada toda de susto,
E os olhos regalados
O boneco examinou ;
O velho não se movia
Mas por fim pestanejou ;
Então a moça saltando
Da cama e de horror gritando
Todos de casa acordou.

Ouvindo tamanha bulha,
O velho mais que ligeiro,

Como uma rãa que mergulha,
Logo e logo escorregou
Para debaixo da cama
Aonde nem mais piou,
Emquanto que toda a gente
De casa mui diligente
Acudio, veio e chegou.

« — Eu vi-o, vi-o bem vivo
(Diz assustada a viuva),
E em meu estado afflictivo
Pude o ver pestanejar. »

« — Dormiste, a mãe lhe recorda,
Sem por sua alma rezar,
Por isso elle veio em sonho
Com seu semblante medonho
Essa falta te exprobrar. »

« — Como, se estava acordada?
Eu não sonhei, eu vi tudo!
Eu não estou enganada,
E portanto bom será
Que o boneco se examine,
Que a verdade brilhará. »
« — Pensas, bem, » repete a velha,

A quem a filha aconselha,
Mas que lá não entrará.

Escravos, escravas, tudo
Entra, e qu' é do boneco? ..
De medo tudo está mudo,
Tudo passado de horror ;
A' viuva então se augmenta
Mais e mais o pavor.
« — Ah fugio ! » a velha exclama,
E logo embaixo da cama
Sentio-se certo rumor !

Fogem de susto tranzidos
Alguns, outros mais afoutos
Se mostram mais atrevidos,
Vão lá mesmo o examinar ;
E de rirem-se ás galhofas
Ah ! não se podem furtar
Vendo o velho lá mettido,
Que para fóra trazido
Nada ousa de fallar.

Oh ! que figura excellente
Para aquellas a deshoras

Metter medo a muita gente,
Vestido de balandrau !
« — Então, disse a velha ao mano,
Como o boneco de páo,
Quizeste com a viuvinha
Passar só esta noitinha ?
Ora o caso não está máo. »

E pela mão o tomando,
O pôz pela porta fóra ;
Lá foi o velho gramando,
Com a calva á mostra ao ar,
O orvalho da madrugada,
Que brilhava com o luar,
E dizem que até de medo
Fez ficar como um rochedo
Quem por lá estava a rondar.

Qual criança que chorando
Com medo vem para a cama
Da mãe que trata, a amimando,
Do seu pavor extinguir ;
Assim Xiquinha essa noite
Foi com sua mãe dormir,
E rezou porque o esposo.

Não viesse buliçoso
Inda com ella bulir.

Passou-se. Por mal peccado
O pobre amoroso velho
Vio-se assaz desesperado
Com rheumatica dôr,
Pois o orvalho que apanhára
Foi só disso causador ;
Sabe-o elle e se consola,
Pois confessa por gabola
Que padece por amor.

E tambem por sympathia
A mãe da velha viuva
Até mesmo neste dia,
Como elle, adoeceu ;
E deixando a sua filha
Para a cidadeolveu,
Aonde aos mil boticarios,
Graças aos receituarios,
Muito dinheiro rendeu.

A' tarde a viuva bella
A distrahir-se corria

Um breve instante á janella ;
Quando estando um dia assim
Vio de bom tornar-se o tempo
Logo em tempo tão ruim
E cahir tão grossa chuva,
Que affigurou-se á viuva
O mundo tocando o fim.

E eis á porta um cavalleiro
Que lhe pede um gasalhado,
E' bello e moço e faceiro,
E um fio enxuto não tem ;
Nega-lo-ha? Não por certo,
Que tal não parece bem ;
Abre-se a porta, e o moço
Entra sem mais alvoroço,
Que todo alagado vem.

Logo um pagem bem vestido
Lhe recolheu o cavallo,
Porém o moço sentido
Maldizia o fado seu ;
Pelo seu negro bigode
Ella bem o conheceu,
E para enxugar-lhe a roupa

Um só esforço não poupa,
E um projecto concebeu.

« — Sou, senhor, uma viuva,
De homem não tenho roupa
Para dar-vos, pois a chuva
A que tendes ensopou,
Mas um meio de enxuga-la
Agora me recordou ;
E logo pela mucama
Gritando, apressada chama,
E buscar fogo mandou.

Mas em casa não havia
Carvão nem secca lenha ;
Para busca-la chovia
E lá bramia o trovão ;
Nesse caso outra idéa
Lhe veio á imaginação,
E para accender o fogo
Mandou o boneco logo
Sem maior hesitação !

E chovia e bem chovia,
E nas chammas crepitava

A lenha secca que ardia
Daquelle adorado páo!...
E o moço o expediente
Conhecia não ser máo,
E emquanto a roupa seccava
Na cama elle se aquentava
A' falta de balandau...

O SAPATEIRO

Mestre João, sapateiro,
Nesta cidade vivia,
Balde aos naipes, sem dinheiro,
Pois jamais o fructo via
Dos arduos trabalhos seus,
Por mais que o pedisse a Deus.

E, mettido nas encospias,
Batia tanto na sola,

Como na vida alheia,
E até ao som da viola
Cantava por fá bordão
Os erros da geração.

Os vizinhos, já mordidos,
Lhe tinham seu odiozinho,
Que se augmentava se o vião
Tomado de canna óu vinho,
Porque então mais valentão
Com ninguem tinha attenção.

Por cima delle morava
Um sabio que muito lia,
E que sempre rabiscava
Memorias, que ainda um dia,
Para o universo assombrar,
Pretendia publicar.

E jurava o sapateiro
Que com elle não trocava
Sua pasmosa leitura,
Gazetas que devorava,
Isso desde que aprendeu,
No que muito despendeu.

« — Faça idéa, elle ajuntava,
Sempre e sempre a ler gazetas
O que não terei já lido ?
Quem me dera nas gavetas
O dinheiro que gastei
Des' que a primeira assignei. »

Porém o sabio apostava
Que ainda mais lucraria
Se antes quizesse o dinheiro
Do que bebera e bebia,
Pois que a pipa máis fiel
Era que a sua Isabel.

E mestre João por certo
Era sabio sapateiro,
Pois no officio que seguia
Podia ser o primeiro
Pela sua illustração,
E afamada erudição.

Sabia até o feitio
Do bom sapato saxonio
E as sandalias normandas
E as botinhas de um laponio

E a origem do canhão
Da bota á Napoleão.

Viu as botas d'esse Henrique,
Que em Inglaterra foi terceiro;
Guarnecidas de alças de ouro,
Sendo em usal-as primeiro,
Tendo por decoração
A carranca de um leão!

Sabia que São Lwithino
Fôra o primeiro sujeito
Que apropriou o sapato
Ao pé esquerdo ou direito,
Sem os bicos esquecer
Que assaz deram que fazer ⁽⁵⁾.

Tinha até suas noticias
Dos pantufos de que usavam
As Brazis catechisadas,
Porém que andando os largavam
Sem costume, dando assim
Aso a rir a frei Cardim ⁽⁶⁾.

Té conheceu as sandalias

Que fez para si Anchieta
Quando nos bosques brasilios
Affrontando a dura seta
Do tapuia, o reduziu,
E ao baptismo o conduziu ⁽⁷⁾.

E contava aquella historia
Que nossos avós sabiam
Quando cousinhas lascivas
Com parras verdes vestiam,
Vendo um rei n' um camarim
A perder o seu chapim ⁽⁸⁾.

Um dia, que elle atacado
Se achava de mais prudencia,
Orando sobre a riqueza
Com capadocia eloquencia,
Sua inopia lastimou
E de ser rico jurou.

E esperava com dinheiro
Ser ainda muito hourado,
Não passar jamais por ebrio
Inda mesmo emborrachado ;

Nem ser tido por ladrão,
Inda com o furto na mão.

E trouxe a pêlo e bem trouxe
A coeva e bella historia
De parte dessa nobreza,
Sem passado, transitoria,
Mas que promette ao porvir
O seu presente encobrir!

Hoje então que todo o homem
Morto apenas se transforma;
Se foi nescio morre sabio,
Já ninguém lhe sabe a nórma!
Pois até quem foi ladrão
Morre santo e pobretão!

Algum padre relaxado,
Algum militar sem brio;
Quem ahi assaz roubára,
Ou matou a sangue frio;
Morto tem n'algum jornal
Um *artigo em funeral!*

A bella da sua esposa

Soltou logo um apoiado
Mal ouviu o seu projecto,
De modo que um deputado
Não o faria melhor
Nem com careta peor.

Mas do real ao pintado
Dizem que ha dificuldade,
E que um plano ou um projecto
Não vae á realidade
Sem trabalho, sem afan,
E inda assim a cousa é van.

E mestre João coitado
Noite e dia trabalhando
Só de rico ser cuidava
Com barras de ouro sonhando :
Viajava em pleno mar
E cria a terra avistar !

A esposa lhe aconselhava
Que não mais se emborrachasse ;
Que todo o sancto dinheiro,
Que viesse, enthesourasse ;

Que fosse aos tratos fiel
Mais do que a sua Isabel.

O bom do mestre fazia
Tudo quanto ella indicava,
Porém nunca progredia,
Sempre para tras andava,
'stava caro o cabedal,
Não ganhava ; é natural.

Um dia que de ser rico
Ja ia desesperando,
Viu passar por sua porta
Garboso, todo gingando
Um famoso mocetão
Mais suberbo que um barão.

Levava o chapeo a banda
Robinson de grande roda,
Era em fim um figurino
Vestido ao rigor da moda,
Nem lhe faltava o grilhão
Relógio e aureo argolão.

Conheceu-o ! Pobre moço,

Nada tinha que lhe dêsse
Para suster esta vida,
Quanto mais pr'a que pudesse
Esse luxo sustentar,
Sem saber bem palmilhar?

Chamou-o pelo seu nome,
E mirou-o muito a gosto
Vendo os aneis de seus dedos,
Sem se importar com o seu rosto ;
E depois lhe perguntou,
Como a tão rico chegou?!

« Eu, ajuntou-lhe o bom mestre,
Vivo sempre trabalhando,
Com intenção de ser rico,
Mas em vão, em vão. Andando
Estou sempre para atrás,
Que a fortuna assim me traz! »

« — Amigo, voltou-lhe o moço,
A tua sorte lamento,
Mas se queres sem trabalho
Ficar rico n'um momento

Trabalha na escuridão;
Pé ligeiro... leve mão !...

« — Devéras? Pois fazes isso? »
« — Oh se faço! — Não tens medo? »
« — De que? » — De ir á cadêa
Que não é para brinquedo,
Pois quem furta, a mais tardar,
Vai á cadêa parar! »

« — Pelos pais, pagão os filhos,
Nada temas, vem comigo,
Qu'esta noite é de pechincha,
E o assalto sem perigo;
Nossas culpas, meu João,
Nossos filhos pagarão! »

O mestre logo alegrou-se
Com a idéa de não ter filhos,
E pará annuir á empréza
Não achou mais empecilhos;
Dado o prazo elle ficou
De lá ir, e não faltou!

Veio a noite; elle calado

Nem á esposa nada disse,
Mas pôz-se logo na rua
Tão cedo na cama a visse;
E caminhou, caminhou,*
E a *Lampadosa* chegou.

Disfarçado, mal vestido,
Já lá estava o companheiro;
Besuntado e azeitado,
Como um limpa-candieiro,
Para melhor disfarçar
O que ali ia a intentar.

Tomarão d'uma gazúa,
E a porta da sacristia,
Qu'era fraca, cedeu logo
Ao braço que a investia,
E cada qual por sua vez
Entrou como bom freguez.

O moço com pouca cousa
Se contenta e lá se safa;
O mestre levava um sacco
A' cudir-lhe á grande rafa

E se pôz a seu vagar .
Prata e ouro a procurar.

Tudõ o que foi encontrando...
Lá foi no sacco mettendo,
Até que por fins de conta
Algum ruido fazendo
Acordou o sachristão
Que gritou : « — Pega ladrão ! »

Quiz fugir o pobre mestre,
Porém o tino perdendo,
Não acertando co'a porta,
Foi a cabeça batendo
Por tudo quanto encontrou,
Que o sachristão o agarrou.

Isabel lá no seu leito
Dormia suave somno,
E sonhava que o marido
Era de um palacio dono,
E acordando o procurou,
E em vão por elle chamou.

Mestre João a tal hora

No *Aljube* aferrolhado
Maldizia o companheiro
Que assim o tinha inganado
E sem os olhos fechar
Não fazia que chorar.

Rompe o dia. O companheiro
Veio passar pela frente
Da cadea, onde á janella
'Stava o triste paciente,
Que ao vel-o logo o chamou
E assaz d'elle se queixou.

« — Asseguraste, diz elle,
Que os paes nada soffreriam,
Pois que pelos seus peccados
Só os filhos pagariam,
Mas tudo errado sahiu
Que a culpa em mim só cahiu ! »

« — Mestre, mestre, volta o moço,
Não me culpes de teu fado;
Olhaste para o presente
E esqueceste o passado ;

Tu sabes, mestre João,
Se teu pae não foi ladrão? »
Cahiu então em si o homem
Que sem ver mais empicilhos
Para sua vil empreza
Se lembrou de não ter filhos
E de seu pae se esqueceu
E de pena, pão morreu.

A BEATA E O ESTUDANTE

Como não foram, tam bellos
Alguns dias do governo
De Luiz de Vasconcellos
Excellenté vice-rei ⁽⁹⁾,
Que d'esta grande cidade
Partiu deixando saudade ⁽¹⁰⁾,
Afóra o mais que não sei!

Inda o publico passeio
Se ostenta no patrio Rio,

Como o unico recreio
Qu'elle para o povo fez ;
Amostra do que podia
Quando deveras queria
O governo portuguez

Oh que tanta patuscada
Na *Rua das Bellas Noites* ⁽¹¹⁾
Não fez a rapazeada
Desse aureo tempo de então !
No paúl ajardinado ⁽¹²⁾
Foi o vice-rei cantado
Por toda uma geração ⁽¹³⁾ !

Geração que então deixava
Pelo calção insoffrido,
Que a tantos envergonhava,
A capa de baetão ;
Capa de muito defeito,
Mas que cobria com geitõ
Tanto physico senão ⁽¹⁴⁾ !

Junto do lindo Passeio
A *Rua das Bellas Noites*

Tornou-se o puro recreio
Das familias do paiz;
Não era rua bordada
De casas, porém ornada
De arvoredos e chafariz.

Mas ahí dona Valeria
Viuva de um bom ricoço
Tão idosa como seria,
Ergueo sua habitação;
Sendo que foi o primeiro
Em habital-a um barbeiro
Por gosto ou 'speculação.

E tinha a velha matrona
Uma neta tão formosa,
Que era a mais formosa dona
Desse tempo seu;
Que de gente boquiaberta
Vendó a rotula entre-aberta
Ah! de amor não padeceo!..

Certo moço, que estudava
P'ra allivio da humanidade,

Que já anatomisava
As entranhas de um leitão ⁽¹⁸⁾;
Morrendo de amor por ella,
Procurava sempre vel-a,
Se bem que ás vezes em vão.

Bem ia, pois a menina
Gostava, ah! se bem gostava,
Ver tambem da medicina
O moço por lá passar ;
Mas a velha... ah! resmungava,
Qual velho cão que rosnava
Seu thesouro a vigiar.

E João Martinho quebrava
A cabeça noite e dia ;
Em vão, porque não achava
Um meio para chegar
A seu fim, que era louvavel,
Pois sendo moço estimavel
Queria estado tomar.

Queria com a menina
Se unir para todo sempre,

Que uma belleza divina
Com dinheiro o que não val?
Porém a boa da velha,
A quem a usura aconselha,
Não acreditava em tal.

Pensativo elle corria
Por aquellas alamedas
Do Passeio, que se erguia
De um pestifero paúl;
E os ais, que amor lhe arrancava,
Elle saudoso entregava
A' brisa vinda do sul ⁽¹⁶⁾.

Nos domingos madrugava,
E no classico capote
A la moda se embuçava
E p'ra porta ia esperar
Da igreja, que só abria
A' missa ⁽¹⁷⁾, que se dizia,
Com o fito de vel-a' orar.

Oh! então alli brilhavam
Dous grandes olhos luzentes,

Que primeiro scintillavam
Que a luz do formoso sol !
E um « Não me pise » soava
De uma bocca, que fallava
Mais meiga que um rouxinol.

E depois já quasi dia
A via sahir da igreja ;
Como tão bella não ia,
Com seu trajo de toquim
E o véo que avaro occultava
Seus olhos, lhe atraçoava
Rosto de rosa e jasmim.

Outras vezes de suas maguas
A causa triste contava
A's sonoras claras aguas
Que alli correm com rumor.
Ah se pudesse o coitado
Seria um vate inspirado
A poder cantar amor !

E' alli que poetava
Um grande Silva Alvarenga,

Quando Glaura decantava,
E o vice-rei D. Luiz!
E muitos que ainda a fama
Os claros nomes proclama,
Quaes Caldas e Cordovis ⁽¹⁸⁾!

Outras vezes ia á casa
Do eloquente barbeiro,
Aonde se punha rasa
A vida do bom christão;
Ia tudo depennado...
Porém do vice-reinado
Era o *programma*. — chitão ⁽¹⁹⁾!

Não escapava a visinha,
Por sua sabida usura;
Nem a sua netasinha,
Fossé embora um serafim!
O moço bem se amuava;
Porém sempre disfarçava,
E sorria-se por fim!

E a velha no seu fadario,
Sem que de tal se doesse,

Resava pelo rosario,
Que não sabia largar;
E á rotula entre-aberta
Era sentinella alerta
Para a netinha guardar.

Apenas pela tardinha
Ia ver as suas aves,
Deixando a sua netinha
Um breve momento só;
E a menina corria
A' rotula, que se entre-abria
Durante a ausencia da avó.

O moço que já sabia
A hora de tal ventura,
Para o passeio hia
Junto á porta a divagar,
Té que via a sua amada
Como uma 'estrella velada
Lá de novo se occultar!

Tinha a velha, assim dizia
Toda a cidade, uma burra,

Com a qual assás se via
Sempre em sobresaltos mil;
Quando o thesouro mais bello,
Que esse metal amarello,
Era sua neta gentil!

Amor é sempre engenhoso...
O gaiato do estudante,
A suspirar amoroso,
Um meio se descobriu
Para gozar não incerto,
Para ver assás de perto
A quem nunca a gôsto viu.

A meia duzia de pobres
Pela vesp'ra de domingo
A velha dava os seus cobres,
Cinco réis, e nada mais;
Moéda que então servia
Para passar bem um dia,
Como contam nossos pais!

Era certa uma devota
Velha tambem, e trajando

Negra mantilha já rota,
Tendo na dêxtra um bordão ;
E com terna choradeira
Chuxava boa melgueira,
Cinco réis, um ovo, e um pão !

E o moço um dia sabindo
A encontro da pobresinha,
Foi-lhe attenção attrahindo
Com a esmola que lhe deu ;
Luzio na mão enrugada
Uma moéda dourada,
Que a mão se lhe estremeceu !

«— Ah nosso Senhor lhe ajude,
Moço com obras de velho ! »
Disse a pobre, que a virtude
Sob a fórma humana vio ;
O moço silencio impondo,
Foi-lhe um negocio propondo,
Que a velha contente ouviu.

Era o caso pôr patente
Nas laudas de um livro bento,

Onde a velha eternamente
Resava a sua oração,
Um bilhete perfumado
De sacro incenso, dourado,
E escripto por sancta mão.

Se o pedio, a boa velha,
Já matreira no negocio,
Como sabia e mestra abelha,
Ainda melhor o fez;
E o barbeiro sisudo,
Ouvio caladinho tudo
Quanto fazia o freguez.

Resava assim o escripto :
« Nesta casa, casa sancta,
« Oh seja o Senhor bemdicto
« Para aqui poder entrar !
« Olha o bem vindo imprevisto,
« Pois de noite deve o Christo
« Em tua casa cear. »

Era assim. O tal barbeiro
Vio o trama que o estudante

Projectava tão arteiro,
Como quem sabia amar ;
Era também sem segundo
Um capadocio profundo,
Que bem sabia as pregar.

A' promessa feita ao moço
Não faltou a boa pobre,
E o gaiato em alvoroço
A trega noite esperou
Para a cêa se dispondo,
Caladinho, sem estrondo,
Como quem tudo alcançou.

A velha, que o escripto achára
Alli tão mysterioso,
Ah tão contente ficara,
Que quasi que endoudeceu !
Era beata, coitada !
E por bemaventurada
Se teve ; credito deu.

Leu e releu o escripto,
E o fez ler por Helena ;

E o papellino maldito
Osculou com devoção ;
Toda a casa alvoroçou-se,
Que tudo ahi preparou-se
Para a sancta refeição.

Eu conto a verdade pura,
Por isso em honra da velha
Direi, que esquecendo a usura
Como pródiga gastou ;
Pensava que assim honrava
A'quelle que se lembrava
Do que nunca se lembrou.

E a menina scismava
Com certo presentimento...
E Martinho se entregava
Todo, todo ao plano seu ;
Tambem o mestre barbeiro
Fino, viverio e arteiro,
Mãos á sua obra metteu!

E emquanto a velha lavava
A casa, e apromptava a mesa,

Onde já se afigurava
Ver o seu Christo cear,
E o moço procurava
Dos paus, que elle aparelhava,
Uma grande cruz formar.

O maganão do barbeiro
Esquecia-se do officio,
E sem dó do seu dinheiro
Despachava o seu freguez,
Ajuntando os ferros velhos
Em sonoros aparelhos,
P'ra servirem á sua vez.

Que portento não seria
Quem em vez de fazer barbas,
Em politica podia
Ser Sully ou um Pombal !
Seguiu o seu trilho errado
Por não se ter ensaiado
Inda a sciencia de Gall.

Assim é tudo no mundo !
Quantos ahi pequeninos

Não podiam sem segundo
Inda um dia figurar ?
Quem podesse sobre a terra,
P'ra onde Deus o desterra,
Com sua missão sonhar !

Oito horas ! Bate á porta
Da beata um moribundo
Que sobre os hombros transporta
Pesada e sanguenta cruz.
— Eis o Christo ! — a velha exclama,
Abre a porta, a filha chamma,
E para dentro o conduz.

Estranhando o falso Christo
Avança a magra cadella,
Que alli estava criando
Uns feios filhinhos seus ;
Que se os crioulos depressa
Não acodem, bella peça
Provára o fingido deus !

Meu Deos, meu Senhor, perdoa
As tentações do demonio,

Que a triste humana pessoa
Arrasta ao trilho do mal ;
Pela serpente enganado
O homem se vio manchado
Do peccado original.

Foi desta vez a serpente
Menino de aljava e setta,
Que nos fere impunemente,
E que tem por nome — *Amor*,
Que impera do vicio rude,
E abrasa a propria virtude
Com seu facho animador.

Beata e neta postradas
Ante o Christo alli lhe beijam
As carnes, que nodoadas
De um sangue fingido estão ;
Tomam-lhe o enorme lenho,
E com todo o santo empenho
Juntal-o á parede vão.

Sem erguer aquella fronte,
Deus do céo! Tão peccadora,

Sentou-se o Christo defronte
Da velha e um pão partio ;
E com a santa beata
E a neta, que a retrata,
O benzendo, o repartio.

A mesa era quadrada
Envolta em alva toalha
De herva santa perfumada ⁽²⁰⁾
Com cadeiras de espaldar ;
De cêra velas ardiam,
E ricos pratos cobriam
Aquelle sagrado altar.

Escravos, escravas, tudo,
Tanto avó, como a netinha,
Tudo, tudo estava mudo,
Cheio de admiração,
Vendo o Christo alli chagado,
E de espinhos coroado,
Sangrando do coração.

Todos os cinco sentidos
Estavam só nelle postos

E só com elle entretidos,
Não davam, não davam fé
Do que fóra se passava,
Nem de quem tanto espreitava
O Christo, que não o é.

A bella e linda menina
Conheceo perfeitamente
O moço da medicina
Naquelle disfarce seu,
E até por baixo da meza
Sentio com doce firmeza
O signal que elle lhe deu.

E como tudo isto acabe
Por mais que a razão consulte
Ignora, pois que não sabe
Qual seja a sua intenção;
E se assim ella medita,
Violento lhe palpita
Em ancias o coração.

E o Christo pausadamente
Ia comendo e bebendo

Do vinho tão santamente
Que mais não podia ser ;
Até que á boa beata
Que reverente o acata
Se lhe propoz a dizer.

— Ah sois avó de uma neta
De um coração bem formado,
Virtuosa e tão discreta
Como o exemplo que tem,
E' um anjo de candura,
A' quem celeste ventura
Destina o supremo bem.

« Apressae-vos em casal-a
Que a vossa alma bem-dita
Quer o céo por premial-a
Para o seu gremio chamar,
E o seu esposo seja
Aquelle que mais deseja
Na terra a felicitar.

« A quelle, que cedo deve
Vir pedir a sua dextra,

A' quem o Senhor preserve
De todo o funesto mal ;
Hade dizer-vos « — Senhora,
Dai-me, dai-me sem demora
Quem no mundo é sem igual. »

A velha, bem como a moça,
O escutavam attentamente,
Quando tudo se alvoroça
Com infernal estridor :
Batem á porta, que treme,
Que sobre os seus gonzos geme
Com satânico rumor.

Ergue-se o Christo espantado...
Ergue-se a velha... e a menina...
Tudo de susto tomado
Com a cadella a ladrar...
E na porta a bimbalhada
De cruel moxinifada
De ferros a retumbar!...

« — Quem és, esp'rito mali'no
Que vens em tão santa casa

De seu hospede divino
O socego quebrantar ? »
Assim o Christo pergunta,
E logo de fóra ajunta
O barbeiro a bom gritar.

« — O' Senhor, meu Senhor Christo,
Sou S. Pedro, que chamar-vos
Aqui venho, pois não visto
Motim se faz lá no céo ;
Não quero haja desculpa,
E digaes por minha culpa
Vosso reino se perdeu. »

O Christo sem mais demora
A porta abrindo lá vae-se,
Lá vai-se de pressa embora
Que o caso bem percebeo ;
E a velha toda assustada
Volve á cruz desamparada
De que o Christo se esqueceo .

« — Meu Senhor, a velha brada,
Não levaes o santo lenho

A nossa cruz adorada?
E qu'heide eu della fazer? »
« — Velha, o Christo lhe volta,
Vou acudir a revolta,
S. Pedro a pôde trazer. »

E se foi. O tal barbeiro
Penetrou no santo albergue,
E muito mais que ligeiro
Patenteou todo o ardil;
E de tentações tamanhas
E de tantas artimanhas
Mostrou a causa gentil!

Helena chorou raivosa,
Que a velha perdendo o ciso
Contra ella furiosa
A bilis descarregou;
Mas o milagre do Christo
Não foi de todo imprevisto,
Pois a menina... casou!

O barbeiro, que previa
Grande lucro em tal historia ⁽²¹⁾,

A contava a quem queria
De sua boca a escutar ;
E a velha mais que depressa
Fez esquecer essa peça,
Levando a filha a casar.

Enleado em seu fadario
Ainda resou a velha
Pelo seu bento rosario,
Até que por fim morreu ;
E deixou tanto dinheiro,
Que até o mesmo barbeiro
N'elle o seu dente metteu.

Abriu-se a burra, e do dia
A luz gozaram as louras
Conquistando alma alegria
Aquelle formoso par ;
E unido á bella menina
Esqueceu a medicina
Quem soube a burra operar.

Que o barbeiro tambem visse
Algumas das doblasinhas

Foi cousa que então se disse
Por certa reparação...
Ah que n'esses dias bellos
De Luiz de Vasconcellos
Temia-se a Inquisição!

O DOTE

E' noite! A escrava cidade ⁽²²⁾
Jaz em trevas sepultada,
Deplorando amargurada
Sua sorte e condição :
Ah pezam-lhe os duros ferros
A que Ruy Vaz ⁽²³⁾ a condena,
Soffre e chora a dura pena
De sua negra oppressão!

O povo oppresso se curva

Ao despotico ameaço
E guarda velando o paço
Do brutal governador.
Veem-se grupos armados
Arcabuzes impunhando
E nos ares agitando
Fachos de triste pallor.

E no seu paço dourado
Com a maior impudencia
Celebra a injusta audiencia
O detestavel mandão
E caras patibulares
O cercam lisongeando
Como parvos se prestando
A sua louca ostentação.

Eis uma abatida moça
Do seu trono se aproxima;
A mãe que a acompanha a anima
E em seus braços a sustêm.
Ella quasi desfallece
Vendo alli enthronizado

O despota, que escravizado
A toda a cidade tem.

A seus pes se curvam ambas
A dura destra beijando
Com seus beijos bajulando
A mão que as deve vingar,
E impassivel as contempla
O governador sanhudo
Affectando tino e estudo
Para mais se auctorisar.

« — Meu senhor, exclama a velha,
Venho aqui pedir justiça
A quem nunca a desperdiça
Para vingar o pudor.
Mão impura maculou-me
Este tam formoso lyrio ;
Roubou-me, ó duro martyrio,
Seu casto e virginio odor ! »

« — Que dizes, que não te entendo? »
Volta o capitão. A pobre
O triste rosto descobre

Deixando cahir o veo
E ajuncta : « — Perverso moço
Zombou d'esta creatura,
Levou-lhe toda a ventura
Com o dote que deu-lhe o ceo.

« — Como? O que dizes? Que fallas? »
Lhe torna o juiz que implica
Com quem logo não se explica
A sua comprehensão.
« — Falla-me claro, bem claro,
Que é somente o que desejo;
Para mim o queijo é que'jo,
E pão não passa de pão.

« — Senhor, responde-lhe a velha,
Eu não sei como vós diga
O que o pudor me obriga
A vos dar so a entender,
Porém como é necessario
Fallar um pouco mais claro
Fal-o-hei, que o vosso amparo
Quero em tudo merecer. »

A filha cubriu o rosto
Co' as mãos os olhos tapando
Em quanto a mãe foi fallando
Bem ou mal a seu pezar.
Ruy Vaz acabada a historia
Para os seus guardas accena,
E em breves vozes ordena
Que vão o reo lhe buscar.

Dito e feito!... Oh n'esse tempo
Era cega a obediencia;
Vinha tudo em continencia
De taes mandões ao sabor.
Entre os guardas entra o moço
Oppresso, manietado;
No olhar alvoroçado
Se vê do crime o auctor.

E interrogado responde :
« — O' governador, ouvi-me :
Fiz o que dizeis; — meu crime
Negal-o não quero, mas... »
Calou-se. Longo silencio
Reinou em toda a audiencia ;

Contendo sua inclemencia
Pensava o grande Ruy Vaz.

Aquelle « — Mas... » — era tudo
Para o juiz, que bem via
Quanto dizer não queria
Uma reticencia, tal.....
Era a defeza do moço
E era da moça a culpa
A quem so a mãe desculpa
No seu amor filial.

« — Pois bem, bradou com voz firme
O capitão mór; eis o dote :
Pago-o pelo rapazote
Que não tem com que pagar. »
E, assim dizendo, dos bolsos
Tirava ouro e mais ouro,
Pois tinha em si um thesouro
Para a menina dotar.

A mãe arrecada o dote
Doblas ás duzias junctando,
Avidos olhøs cevando

Em tanta fascinação ;
Ao juiz agradecendo
Justiça tãrn agradável,
Se afasta com riso amavel,
Cheio de satisfação.

Longo silencio de novo
Reinou em toda a audiencia ;
Nunca se viu tal clemencia
N'esse magico Ruy Vaz ;
Porém elle meditava
Sahir-se bem do negocio,
Nãrn estava pois em ocio
Que de mais era capaz.

De repente levantou-se
Com os olhos cheios de ira,
Que da alma lhe transpira
Na voz, que imita o trovãrn.
Ao moço infeliz se volta
Com toda a ferocidade,
Qual desfeita tempestade
Ou erupto volcãrn.

« — Ja, diz elle, ja garoto,
Vil bribante, sem demora
Atraz daquella senhora
Corra o meu ouro a buscar;
Traga ja o meu dinheiro,
Que dei-o individamente;
Paguei eu que era innocente
O que devias pagar !

« Desatae-o, diz aos guardas,
Desatae esse brejeiro,
P'ra que possa mais ligeiro
As minhas ordens cumprir;
E que não cumpra, coitado,
Hade acontecer-lhe boa;
Ha de dar consigo em Goa,
Para onde o farei seguir ! »

Livre das cordas, parte
O moço após a ventura,
Temendo que a sorte dura
Não o venha atraçoar;
Passou-se. Foi longa a pausa
E o silencio da audiencia,

Onde em dura obediencia
Ninguem se atreve a fallar.

Ouvem-se gritos ao longé;
Ja mais perto ; mais distinctós;
E depois de todo extinctos
Entra rude multidão.
O moço vem agarrado
Por esbirros da policia,
E por guardas da milicia,
Qual descarado ladrão.

A mãe ao lado da filha,
A misera e mesquinha amante,
Respirá por um instante,
E depois começa assim :
« — Senhor! Este vil perverso
Co'a mais proterva insolencia
Zombou de vossa clemencia,
E me quiz roubar por fim !

« — E não roubou-te? Tens inda
Todo o ouro? » Lhe pergunta
O capitão. « — Sim, ajuncta

A mãe com satisfação ;
Este insolente esforçou-se
Para roubar-me! A disputa
Passou a mais feia luta
E gritei : — Pega, ladrão !

« Accudiu armada gente
Paisanos e milicia
Que com a vossa policia
Não ha quem queira brincar ;
O descarado foi preso,
E eu d'elle queixar-me venho,
Que muito receio tenho
Que me possa incommodar. »

O governador surriu-se,
E dice : « — O mãe desgraçada,
Se fosse mais desvelada
Pelo filial pudor,
Quem n'este mundo haveria
Que podesse audaz, ufano,
Zombar com perverso ingano
De teu cuidado e amor ?

Põe ahi o meu dinheiro
E foge da vista minha ;
Vae, ó misera e mesquinha,
A tua culpa expiar.
Que quem com todo o cuidado
Sabe guardar o seu ouro,
Tambem da filha o thesouro
Sabe zelar e guardar. »

O MILAGRE

« — Milagroso sancto Antonio,
As moças fazes cazar,
E so eu do matrimonio
Não hei de o fruto provar?

« Não mais creio em teu milagre;
Foi-se a minha devoção;

E' justo não mais te sagre
A minha veneração.

« Lá nas pedras da calçada
Vae-te em pedaços fazer;
Que a minh'alma amofinada
Ai mais te não póde ver. »

Tal dizia uma menina
Na sala, á janella sua,
E a imagem quasi divina
Com ira atirava á rua.

Caminhava de passagem
Um moço rico e feliz,
Que leva no rôsto a imagem,
A qual lhe quebra o nariz.

O sangue esguicha e lhe tinge
Camisa, veste e calção;

E a custo o moço attinge
A fatal habitação.

Sobe as escadas bradando
Contra o insulto que soffreu
Ainda na mão mostrando
O santinho que o offendeu,

A mãe da moça, que accode,
Não sabe a quem se voltar,
Que a filha sustér mal pode,
Que ahi vae a desmaiar.....

Maç em fim soccorre o moço;
Busca-lhe o sangue estancar;
Mitiga-lhe o alvoroço
Com a razão lhe acalmar.

E vendo-o já mais tranquillo
Pede á filha — seu amor —

Que lhe explique tudo aquillo
Do modo que melhor for.

« — Ai mamãe, exclama ella,
Que mal a meu sancto fiz!
Lancei-o pela janella,
Quebrei do moço o nariz!

« — Minha filha, que desgraça!
Vôlta-lhe a mãe com pezar,
Não é cousa que se faça
Um sancto assim maltratar!

« — Porém, mamãe, Sancto Antonio
Não quér minha devoção,
Pedia-lhe o matrimonio
E o pedia sempre em vão!

« Em fim zangada deixei-o
Para não mais o adorar;

Nada de novo ! — Ameacei-o
De um dia á rua o lançar.

« E o tempo se passava
Sem eu o milagre ver ;
Ja para tia ficava,
Sem mesmo um namoro ter !

« Hontem no baile dansava
Sem ardor. sem illusão ;
Ah ninguem me procurava
Co' os olhos do coração.

« Hoje triste, consummada,
Não pôde mais me contêr ;
Desesperei d'esta vida ,
Quiz com meu sancto romper.

« Porém elle castigou-me ;
O que se deu eis ahi :

De tal modo envergonhou-me
Que de pena não morri! »

O moço, esta história ouvindo,
Ao riso não resistiu
E a mãozinha lhe pedindo
De seus beijos a cobriu.

« — Milagroso na verdade,
Dice elle, é o sancto teu,
Por ti amor e amizade
Ja sente este peito meu!

« Se me queres por esposo,
Acceita aqui minha mão;
Sancto Antonio milagroso
Bemdirá nossa união. »

Corou a linda menina
E a mão do joven apertou

E com a imagem divina
Logo se conciliou.

Concertou-se a benta imagem,
Novo brilho se lhe deu
E teve digna homenagem
No oratorio que se ergueu.

E ante a imagem bem dita
Cazou-se o moço feliz
A quem a môça bonita
Deixou quasi sem nariz.

E dizem que Sancto Antonio
Ja seus milagres não faz,
Quando até no matrimonio
Mostra inda do que é capaz.

O BEMTEVI

Ao omnipotente sagrado acceno,
Para remate da criação,
Surgiu ditoso payz ameno,
— Brazil — a terra de promessa.

Que mago incanto sentiu o povo
A' quem a róta legou Cabral,

Vendo com pasmo um torrão novo,
Como não vira no mundo igual!

Tudo era estranho a gente estranha
Que de tam longe vinha o buscar
Para essa gloria — gloria tamanha —
Ao mundo inteiro mais offertar.

Florestas envias, troncos robustos,
— Irmãos do globo na criação —
A desbarbados povos adustos
Servem de abrigo, de habitação.

Immensas serras — como gigantes —
As grimpas alçam té mesmo aos céos
E seus cabeços predominantes
Vestem de nuvens — cinzentos véos.

Suberbos rios torrentes rolam
De fartas ondas, taes como um mar ;

Nas margens soam, que tanto assolam,
Qual megatheriõ resonar.

Sem que ao colono o alento esgote,
A terra dá-lhe o aureo metal;
Grãos diamantinos — celeste dote —
Faz opulento qualquer mortal.

Contêm o solo ja feito o vinho,
Que a cana off'rece no caldo seu ;
E macerado ja mostra o linho
No algodoeiro, que o céo lhe deu.

N'ubero seio a terra occulta
Bastas raizes á nutrição,
Que ao seu colono por fim faculta
Como ja prompto bemdito pão.

E insectos mil e mil, alados,
A graça ostentam de bella flor ;

E á noite espendem, illuminados,
De ricas pedras matiz e côr.

As aves mostram linda plumagem,
Que o indio veste de ostentação;
Do proprio homem tem a linguagem,
Arremedando-o 'té na expressão.

Embevecido, qual se estivera
N'um incantado, mago jardim,
Thomé de Souza, que ca viéra
A governar-nos, perdeu-se em fim.

Dias e noites nos bosques vaga
O grande e sabio governador;
Pelo caminho de balde indaga
Que o leve á villa do Salvador ⁽²⁴⁾.

Fatalidade... Dura exigencia,
Embora a chamem mui natural,

O homem — grande na sua essencia —
Rebaixa e aos brutos o torna igual !

Thomé de Souza, que assaz comera
Provando frutos de mil sabor,
P'ra desfazer o que então fizera
Se via afflicto com intensa dor.

As calças desce, — remedio prompto —
Juncto do tronco que vê alli...
Ave, que passa por esse ponto,
Distincta e clara diz : — « Bem-te-vi ! »

Levanta as calças envergonhado,
Pensa que alguém o descobriu ;
Diz : « — Qual viu nada, Sôr engraçado !
Ora é historia, que nada viu ! »

NOTAS

NOTAS

—

Se querem ver o que é malicia vejam ahí a que se esconde na *Cantiga* publicada na *Semana do Jornal do Commercio* de 27 de Fevereiro de 1853 sob o título de *A leitura de um romance* :

I

Elisa, estás sempre a ler,
Conservando a vela acesa !

Não forces a natureza,
Que é meia noite passada :
Dobra a folha e vem deitar-te,
Lerás de novo amanhã...
Não te estragues...

— Oh ! mamãa,

Não é cousa que me canse ;
'Stou no final de um romance.

II

Cada palavra me toca
A fibra do sentimento ;
Que idéa ! que pensamento
Nestas paginas encontro !
O heroe não é qualquer tolo,
Menino de Palhavãa,
É um Sansão...

Oh ! mamãa,

Não é cousa que me canse
O desfecho de um romance.

III

Como se exprime com fogo !
Como mostra o seu ardor !
Um rapaz com tanto amor
Nunca vi senão agora ;
Os outros tem peito frouxo
E cabeça de avelã...
Mas este heróe !...

Oh ! mamãa,
Mesmo embora qué me canse
Quero acabar meu romance.

IV

Sua chamma não se extingue,
Nem de morrer dá signaes ;
Cada vez se acende mais
E me queima o coração.
Que novella interessante,

Religiosa e christãa!

Quero ir ao cabo...

Oh mamãa,

Não é cousa que me canse

Acabar o meu romance.

V

Mamãa, tenho os olhos túrvos,

A véla já vai morrendo,

Vou tambem adormecendo

Mas creio que chégo ao fim...

O heroe venceu... Estou cansada,

Hei de reler amanhã ;

Porque o somno...

Adeos, mamãa,

Não é justo que me canse,

Tendo acabado o romance.

Sei de quem é esta bella e engraçada poesia,
mas o auctor não me deo licença para atraiçoar-

lhe o anonymo. Elle mesmo que o faça. Tambem não lhe vejo razão para o não fazer.

2

Ja ia em via de publicação o presente livrinho quando me veio ás mãos a obra do erudito senhor Fernando Wolf *Le Brésil littéraire, Histoire de la littérature brésilienne, suivie d'un choix de morceaux tirés des meilleurs auteurs brésiliens*, na qual me fazendo o obsequio de annunciar a publicação destes poematos, assegura que tive por modelo a Lafontaine, que procurei assumptos tam licenciosos como os do grande fabulista, sem que comtudo attingisse a graça epigrammatica do Esopo francez.

Si na verdade imitei a Lafontaine foi sem o saber, como muita gente por ahi falla em prosa sem que tenha consciencia de tal.

Conversava uma vez uma pessoa com o senhor douctor J. M. de Macedo sobre a litteratura dramatica.

— Que escola segue, lhe perguntou ella.

— Eu, Senhor, respondeu o nosso poeta, escrevo, saia o que sair.

Nem outra pretensão tive na composição destes contos.

Li, é certo, os contos de Lafontaine, como li os de Boccace, do conde de Cheigné e outros auctores, cujos nomes não me passam agora pela memoria.

O que convêm aqui declarar é que tanto na obra do senhor FERNANDO WOLF, a quem agradeço os louvores que se me dignou de fazer, como no *Diccionario bibliographico* do senhor INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA se mencionam alguns contos que não apparecem n'esta collecção, assim como se deixam de citar outros que figuram n'ella.

E' que *Um R na porta*, *O phantasma*, *O pernilongo*, e *Os dous compadres*, foram substituidos por *O dote*, *O dizimo*, e *O bentevi*, por certas conveniencias; e a *A conficção de uma amante* ahi vae sob o titulo *O milagre*.

E' provavel que os primeiros ainda se mostrem n'esta collecçãosinha si algum dia ella me-

recer as honras da reimpressão. Hei de, porém, retocal-os e involucr-lhes mais os espinhos em flores. N'esta casta de poesia convêm que a malicia fique occulta assim; deve ser como o riso maligno das mulheres que ellas escondem através de um não-sei-que de innocencia mal ou bem fingida.

3

As parteiras usavam, e creio que ainda usam nas povoações do interior, assignalar a sua morada e profissão com uma cruz negra, pintada sobre a porta principal.

Ainda as vi n'esta muito leal e heroica cidade de San' Sebastião do Rio de Janeiro, e isto não ha muitos annos.

As parteiras estrangeiras é que acabaram com o uso, substituindo as cruces por elegantes e illustradas taboletas, nas quaes so falta pôrem mais ao vivo o nascimento do genero humano.

4

O assumpto deste conto em sua essencia é imitado de uma pequena noticia. O caso se deu na Eufropa, não sei em que parte della, com a differença de que o heróe não se prestava tanto á peripecia, pois era um gato, o qual foi mais feliz que o mico que succumbio neste conto victima de tanta affeição, emquanto que aquelle ainda talvez viva. Afóra esta ligeira analogia de assumpto, tudo o mais é original, ou quasi isso.

Reproduzirei aqui o caso tal como o narram as gazetas européas :

« — Padre, dizia uma linda menina ao seu confessor, não me atrevo a fallar !

« — Vamos, filha, replicou o servo de Deos, lêste algum livro máo ?

« — Não, padre.

« — Blasphemaste contra o santo nome de Deos ?

« — Não, padre, peor,

« — Chamaste pelo diabo ?

« — Não, ainda peor. Ai, não : nada é isso em comparação...

« — Ríste durante a missa?

« — Muito peor.

« O padre suava por todos os póros.

« — Padre, vou fallar, vou confessar o meu crime ainda que me custe a vida. Deos me dê forças para poder fallar, mas, pelas chagas de Christo, seja indulgente para com esta peccadora.... E a donzella estava a chorar.... Padre, tentou-me o inimigo. Era tão formoso.... tinha um olhar tão seductor!

« O confessor deu um pulo na cadeira.

« — Tão fagueiro, tão carinhoso! dizia a penitente.

« O cura já não sabia onde estava.

« — Queria-me tanto! continuou ella.

« — Todos assim são, murmurou o sacerdote por entre os dentes.

« — Uma noite aziaga, tornou ella sem o attender, entrou no meu quarto...

« — E mais nada? disse o confessor afflicto.

« — Ai, meu padre, aqui começa o meu crime, a minha fraqueza...

« — Continuai, disse o cura benzendo-se.

« Aquella noite estava elle mais carinhoso que nunca em acariciar-me, e eu peccadora, triste de mim! succumbi á tentação.

« — O padre deu um salto que ia atirando o confissionario por terra.

« — Mas, desgraçada, exclamou elle, como é possivel que tua familia te não tivesse precavido contra semelhantes peccados?...

« — Mas, senhor.... minha mãe nunca me prohibio fazer festas aos gatos.

« — Acabará por uma vez! Isto é panno de outra peça.... Então foi um gato que entrou no teu quarto?

« — Sim, meu padre, um gato formoso, nedio, grande, branco como a neve, que eu roubei a uma vizinha.

« — *In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti. Ego te absolvo*, disse então o confessor limpando o suor. »

Ja estava escripta esta nota quando commigo mesmo se deu um caso identico.

Reproduzo-o aqui tal qual o publiquei no *Jornal do Commercio* d'esta côrte em Maio de 1863 :

M^{lle} Giuditta Altieri acabava de chegar ao Rio de Janeiro.

Vinha do Rio da Prata, onde fôra cantar como prima-donna soprano, contratada por Antonio Pestalardo, celebre empresario dos theatros lyricos de Buenos-Ayres e Montevidéo.

Passára a primeira noite nesta côrte no hotel da Europa, situado á rua do Ouvidor, e para ella tornou-se a habitação o lugar das mais funebres recordações. Desde então não passou mais por alli sem que os olhos se lhe annuiciassem de lagrimas, sem que um soluço se lhe escapasse do peito.

E tinha razão para tudo isso.

Ahi falleceu o seu companheiro de viagem, artista sublime em seu genero, que muitas vezes lhe repetira as doces canções da patria.

Eu a via pela primeira vez admirando a sua não vulgar formosura, e estranhando ao mesmo tempo a sua afflicção, os seus gemidos e as lagrimas que lhe desbotavão as rosas das bellas, avelludadas e frescas faces.

Indaguei pois a causa da sua consternação, e ella me contou a historia de seu desditoso amante.

— Acabo, disse-me ella, de perder o meu companheiro de viagem.

« Elle nasceu no bello solo da França, a patria de tantos genios.

« Viajou commigo pela formosa Italia.

« Percorreu a illustrada Allemanha, com suas reminiscencias gothicás.

« Vio a capital da Russia com seus edificios symmetricos.

« Visitou commigo Odessa, o theatro de meus ardentes applausos.

« Correu a Grecia meia adormecida nas suas venerandas ruinas.

« Esteve em Constantinopla, a perola do Oriente.

« Atravessou o Oceano Atlantico.

« Foi ao Rio da Prata.

« E veio a final morrer desastrosamente no Rio de Janeiro, deixando-me para sempre inconlevel!

« Parece que ainda o estou vendo!

« Oh! como elle era carinhoso para mim!

« Como me afagava tão cheio de ternura quando eu me chegava para elle!

« Se me afastava, tornava-se triste e cahia na mais profunda melancolia.

« Se eu lhe offerencia os meus labios, elle vinha beijarme extremosamente.

« Então seus olhos resplandecião de amor !

« E depois, todo alegria e contentamento, despendia do peito as mais doces e ternas modulações que jámais imaginára Bellini, Verdi, Rossini, Donizetti ou Mercadante, como que para agradecer os meus carinhos.

« Era elle quem me despertava pela manhã com as suas arias favoritas, repassadas de amor, de poesia e de encanto para mim.

« Era elle quem, durante o dia, me festejava com as suas maviosas melodias, e repetia comigo as minhas cantigas.

« Se eu me calava elle tambem emmudecia.

« E assim viajavamos muitos dias, muitas semanas, muitos mezes, como dous amantes, na melhor harmonia deste mundo.

« Chegamos hontem a esta côrte; e viemos ambos pernoitar neste malfadado hotel.

« Hoje.... Já o sol dourava as esplendidas ser-

rasque contornão o Rio de Janeiro e enchia de luz o seu magestoso céu; e a natureza do novo mundo despertava no meio de sua pompa sublime, luxuriante e arrebatadora....

« E elle ainda dormia!

« Ah! em vão esperei que a sua voz me obrigasse a levantar-me do leito para ir vê-lo e beijá-lo como era de meu costume todas as manhãs.

« Em vão!

« Uma idéa negra, sinistra, me passou através do cérebro.

« Sobresaltei-me, sentei-me no leito, chamei por elle, repetindo o seu nome tão cheio de doçura para mim.

« O silencio dos tumulos reinou em torno de mim!

« Saltei do leito; corri para elle....

« Oh! meu Deus do céu, que scena para meus olhos!... »

Uma torrente de lagrimas e soluços interrompêrão por alguns instantes a narração da bella Irlandeza.

Deixei-a chorar.

E eu tambem estava commovido.

Ella limpou as suas lágrimas.

E proseguio depois :

« — O desgraçado havia sido assassinado hor-
rivelmente !

« E eu o tinha adiante de mim estendido....
banhado em sangue....

« Uma nuvem negra passou pelos meus olhos
como o véo da morte.

« Foi uma vertigem de que tornei a mim
muito tempo depois para... »

E novas lagrimas e soluços a interrompêrão de
novo.

Eu a escutava attentamente.

Sem duvida, dizia eu commigo, a opera na-
cional e italiana perdeu o melhor dos tenores
deste mundo, e lastimava no fundo do coração
o acerbo pezar da bella prima-donna.

« — Eu quizera conserva-lo, me ponderou
ella, eu quizera conserva-lo sempre junto de
mim.... Se fosse possivel embalsama-lo....

— E porque não? respondi eu.

— Conheceis quem o faça perfeitamente?

— Oh! pois não; tenho um amigo, o Dr. Souza Fontes, que é perito nisso, mas...

— Continuai.

— Mas é necessario preencher certas formalidades exigidas pelas nossas leis.

— Como assim?

— Um corpo de delicto. Já destes parte á policia do assassinato?

— Ah! *caro Signor*, e o que ha de fazer a policia contra os ratos de vosso bello paiz?

— Os ratos? será possivel?

— Os ratos, sim... Forão elles que esta noite rasgárão a garganta harmoniosa e cevárão-se no sangue de meu pobre e infeliz Bibi.

— Bibi? E quem é esse Bibi? Não é um homem por certo?

— Oh! não, respondeu-me ella com um sorriso que passára rapidamente através das suas lagrimas, como um raio de sol através da chuva; — era um canario.

— Ah! exclamei eu, despertando do longo pesadello que soffrera, felizmente!...

— Mas eu, assegurou-me ella, mas eu o amava como nunca ameí ou amarei alguem. Meu pobre

Bibi! repetio ella, e escondeu o seu lindo rosto entre as dobras de seu lenço, como que para chorar á sua vontade.

E com effeito, se as lagrimas das mulheres não são mentirosas ou fingidas, como tantagente por ahi pensa, nunca vi chorar tanto assim por uma avezinha, a menos que se não tenha o coração do commendador J. J. da Gama Machado ou de M^{lle} Altieri.

Confesso que estive tambem quasi a chorar pelo precioso passarinho, levado pelo preceito de Horacio :

.... *Si vis me flere, dolendum est
Primum ipsi tibi.*

Mas ah! Como tudo se muda neste mundo!

Tres mezes depois Bibi estava esquecido.

« Tudo passa, dizia o melancolico e saudoso Bellini; tudo passa, até a lembrança do amor e suas glorias! »

O lugar que occupava Bibi no coração de M^{lle} Altieri não se conservou vazio.

Inconstancia humana!

Hoje em dia pertence o coração da primadona todo inteiro a seu marido.

M^{lle} Giuditta Altieri é hoje M^{ne} Mary Ann Emilia Werling Pfeiffer.

5

Mestre João não tinha tanta instrucção e erudicção sapatarial. O que elle sabia a respeito é o que se lê n'um antigo jornal inglez por estas palavras :

« A collecção de calçados que figura na Exposição offerece grande interesse historico. Nota-se, por exemplo, o velho sapato saxonio; o calçado dos bispos no anno de 721 ; as sandalias normandas, entre as quaes as do filho mais velho de Guilherme-o-Conquistador : as botas elegantes dos barões de Ruynimedes, do tempo do rei João : as botas de Henrique III, guarnecidas de alças de ouro e ornadas de uma cabeça de leão. Os sapatos de S. Lwithin dão a solução de uma

difficuldade historica; demonstrarão que, desde essa época, a differença do pé direito e do pé esquerdo era assignalada nos calçados.

« Esta chronologia plastica da arte do sapateiro nos inicia em outros factos não menos curiosos. Por exemplo, no tempo dos Edwardos havia multa contra o sapateiro que fizesse sapatos compridos ou de bico para quem não gozasse de privilegios da nobreza. Logo depois, a moda, affastada dos sapatos de bico pelas prohibções legislativas, appellou para os sapatos largos a tal ponto, que, sob o reinado da rainha Maria, appareceu um acto do parlamento limitando a seis pollegadas a largura dos calçados.

A controversia sobre os sapatos largos e os sapatos de bico terminou pelas elegantes botas de canhão, de pelle de bufalo, do reinado de Carlos I. Vierão depois as botas puritanas do tempo de Cromwell. Guilherme III introduzio o sapato de bufalo de salto alto, e a bota de talão curto. Nos reinados de Jorge I e de Jorge II apparecerão os saltos encarnados e as rozetas; em 1789 virão-se as botas russianas; depois a bota á Wel-

lington, a bota á Oxford, e emfim a chamada á príncipe Alberto, que reina hoje. »

6

Em 1383. « E as índias quando se vestem vão tam modestas, serenas, direitas e pasmadas, que parecem estatuas encostadas a seus pagens; e a cada passo lhes cahem os pantufos, por que não tem de costume. » FERNÃO CARDIM, *Narrativa epistolar*, p. 83.

7

O padre José de Anchieta escrevendo a Ignacio de Loyola, lhe conta as fadigas e trabalhos por que passava nas terras confdadas a sua missão evangelica. Tudo era feito pelas suas proprias mãos, inclusive as alpercatas de que usava a falta de melhor calçado. « Faço-as, ajunctava elle, de uns cardos cortidos n'água do rio. »

Servia-se sem duvida das folhas do *guaruatá* ou *caraiatá*.

8

Parras Verdes ou o chapim do rei é um romance popular portuguez a que o Visconde de Almeida Garrett deu grande voga revistindo de novas gallas e aformoseando a mais não poder ser.

9

D. Luiz de Vasconcellos e Souza, depois primeiro conde de Figueireiro, filho do primeiro marquez de Castello Melhor, foi o quarto vice-rei do Brasil. Tomou posse no dia 3 de Abril de 1779, succedendo a D. Luiz de Almeida Portugal Soares Alarcão Eça Mello Silva Mascarenhas, cujo extenso nome se resume no de marquez de Lavradio, e governou por mais de onze annos, sen-

do succedido em 4 de Junho de 1790 por D. José de Castro, conde de Rezende. A cidade do Rio de Janeiro lhe deve parte de seu aformoseamento, e foi incansavel em promover o bem do seu vice-reino.

10

O Passeio Publico do Rio de Janeiro foi fundado por D. Luiz de Vasconcellos. N'uma das pyramides de granito que se elevão nos tanques que ali existem mandou elle inscrever estas palavras : « Ao amor do publico. » Partindo para Lisboa, onde falleceu como presidente do real erario, fez inscrever na outra : « A' saudade do Rio. »

11

Da porta do Passeio Publico abriu-se uma rua a encontrar a rua dos Barbonos, collocando-

se em frente o chafariz das Marrecas. Chamou-se então a rua das Bellas Noites; hoje tem o prosaico nome que tem o seu chafariz.

O seguinte extracto da *Semana* * do *Jornal do Commercio* de 27 de Novembro de 1853 supprime elegante prosa o que falta n'estes versos acerca de informações mais exactas a respeito do *Passeio publico* de outrora e da rua das *Bellas Noites*, hoje prosaicamente chrismada em rua das *Marrecas*!

« Se não fosse um sitio tão conhecido o campo de batalha onde antigamente se reunião os seminaristas e os escolares de toda a cidade para atirarem pedras ás mangas e aos genipapos, seminaristas que hoje figurão nas mais brilhantes posições e que não olhão ao seu passado, para ampararem da ruína o theatro de suas glorias, eu teria um excellente argumento de dissertação naquellas ruas tapeçadas de folhas velhas que cahem das arvores; naquelles triangulos destinados para a cultura de flores e plantas

* Então sob a collaboração do senhor doutor F. Octaviano de A. R.

curiosas, mas que até agora podem servir de cercados para criação de aves; naquellas grades que o desmazelo deixou oxydar; naquelles lagoes em torno das pyramides, deposito de um limo tradicional; naquelle tanque dos jacarés, onde a agua é sempre turva pelo grande asseio e continuo cuidado dos guardas do jardim!

« Já lá se foi o tempo dos jantares á sombra dos caramanchoes! Já não se ouve uma flauta sonora, uma viola bem tangida, uma *saude* estrondosa, uma conversa animada junto da mesa de pedra. A gravidade tem invadido todas as classes da sociedade. Quem se animaria hoje a dar um descante, como outr'ora, ou sentado na soleira de sua porta, garganteando o « *Busco a campina serena,* » ou concorrendo aos banhos no Boqueirão e no campo dos Frades, ou dansando o *miudinho* depois de uma cea no Passeio Publico?

« Naquelle tempo bem aventurado (fallo do tempo antigo, tempo da minha mofina, pelas boas historias que della tenho ouvido), as familias se reunião, os velhos ficavão a um canto conversando sobre as fintas do senado da ca-

mara; as velhas cochichavam arrançando casamentos; os meninos e as meninas dos 14 annos até os 25 jogavam no quintal a cabracega e outros jogos innocentes; elles sem a incommoda gravata, ellas sem o intisicante collete.

« Quando soavam as 8 horas tratava-se da cêa, que não era como hoje um insipido chá. A cêa de nossos pais compunha-se de um prato colossal de arroz com camarão ou de legumes. As folhas tostadas da China vendião-se nas boticás para alguma indigestão ou para os espasmos nervosos, *que erão raros.* »

« Depois da cêa vinha o offertorio, vinhão as rezas, e a benção; corria tudo então para a porta, macheteava-se ainda alguns instantes, e os vizinhos se despedião, abraço daqui, beijo d'acolá, apertãozinho de mão, e por fim desprendia Morpheu suas azas soporíferas, e a cidade dormia socegada e tranquillá, sem medo de febres e de tuberculos, respirando ar sadio em noites folgadas.

« Hoje não se passêa, que é um divertimento gratuito e soez; não se vai ao baile e ao theatro porque são divertimentos custosos; não se

fazem visitas de comadres e de vizinhas; deixa-se um cartão com a ponta dobrada á porta das cocheiras; não se canta uma modinha ou um romance nacional, estropia-se muita *felicita*, muito *mio bene*, que já enjôa pelo inosso da rima; não se dança um minuete, um ril, fazem-se medidas e exercicios de manejo em *contradansas de Francezes*; enfim; para acabar-se com tudo quanto havia de bom no viver de nossos avós, até se bannio a cêa!

« E querem que a nova geração seja forte e robusta, alimentando-se com torradas e chá da India!

« Os herões de Homéro e de Virgilio devorãvãõ uma boiada de cada vez que se assentavãõ a comer. Por isso Stentor podia gritar como cinquenta homens; Enéas teve folego para contar á bella viuva uma historia de 1493 versos hexâmetros; e Ulysses, em casa de Alcinoõ, outra ainda mais longa que occupou quatro cantos do poema grego: e não consta que os assistentes dormissem. Mas erãõ ouvintes e recitantes alentados por boas iguarias e bons vinhos, e não meia duzia de *mâgricellas* aguados e esfalfados,

que sorvem o seu bule de chá, e mais não disse! »

Veja-se o *Pequeno Panorama do Rio de Janeiro* do Sr. Dr. DUARTE MOREIRA DE AZEVEDO e os artigos que sob o titulo de *Passeio* publicou o Sr. Dr. J. M. DE MACEDO no *folhetim* do *Jornal do Commercio*. Isto é quanto á parte archeologica, lá quanto á moderna consulte-se o Sr. Fialho e a *Semana illustrada*.

12

O Passeio Publico foi fundado sobre um terreno alagadiço. Aterrou-se com o material fornecido pelo monte de Santo Antonio, que tão proximo lhe fica.

13

Os poetas de então convertêrão o Passeio Publico em uma perfeita Arcadia, primando

entre elles o Goyazano Bartholomeu Antonio Cordovil, que rimou a *Arte poetica* de Horacio.

14

As mulheres mettidas em mantilhas, tendo um véo rendado que lhes cahia da cabeça, por onde apenas vião e mal podião ser vistas, e os homens envoltos em capas de baetão, tal era o traje dos habitantes de uma cidade sob o tropico do Capricornio! D. Luiz de Vasconcellos procurou acabar com elle, não permittindo que as pessoas assim trajadas penetrassem nos templos e repartições publicas. Não o conseguiu de todo.

15

O tribunal do Santo Officio não permittia que o estudo anatomico fosse feito sobre um cadaver humano. Estudava-se nos leitões.

16

Ou viração, que é o nome que lhe dão.

17

Além de embuçar-se em seus capotes e mantilhas, o povo concorria á missa pela madrugada. Parece que todos se receiavam de ser vistos!...

18

M. I. da Silva Alvarenga, o mestre de rhetorica, o autor das poesias eroticas publicadas em dous volumezinhos sob o titulo de *Glaura*, foi um dos poetas que mais illustrou o vice-reinado de Luiz de Vasconcellos com as suas poesias horacianas.

19

Programma aqui é um anachronismo, mas peço que o deixem ir,

Deveria dizer *proverbio*, tanto mais que tratava d'aquelle que réza assim :

« Com el-rei e inquisição
Nada de graças : chitão! »

20

Herva de São João, com que na roça se perfuma a roupa da cama e da meza.

21

Historia ou conto, esta anedota anda na boca do povo. Eu a ouvi de uma velha respeitavel pelos seus cem annos!

Apenas lhe dei a metrificacção que não tinha,

o tempo e o lugar, deixando de parte muitos equívocos e um tal ou qual cynismo do conto tradicional.

Sei que me levam a mal um não sei que de profanação que lhe notam.

Não é tanto assim.

A parte de que se incumbiu o barbeiro moralisa o facto.

Outros, peores do que o nosso estudante, tem representado o papel, que elle procurou representar, com o fito de roubar.

E o que mais é, até em nossas igrejas, em semana sancta, tomam muitos padres a si representar o papel de Jesus Christo!

O theatro de Gil Vicente leva a esse respeito todas as lampas a meu pobre conto ou de quem melhor direito a elle tenha.

A cidade do Rio de Janeiro, então subgeita aos caprichos do seu governador o capitão mór Ruy Vaz Pinto.

23

Foi Ruy Vaz Pinto um dos mais tyranos e originaes capitães mores que governou a capitania do Rio de Janeiro.

A historia nos conservou o seu retrato, que é o seguinte :

« O curso de seu govêrno foi cheio de intrigas, perturbações e desordens, pelo despotismo com que se oppunhá ás resoluções da camara e esta por desafogo e despique praticava, o mesmo com as determinações do governador, por cujo motivo se viram por muitas vezes sem execução as suas ordens, e destemido o seu poder e deste modo perturbada a harmonia dos governos, passavam um e outro reciprocamente a precipitarem-se em materias, que se animavam pelo capricho e se cevavam na ignorancia e na vingança.

« Um dos procedimentos de auctoridade que o governador praticou com a camara, foi prender o juiz primeira e segunda vez; resentida a camara da segunda prisão do juiz, ordena ao go-

vernador, por um accordão d'ella que viesse a assistir a sua primeira conferencia, porém o governador que se reputava superior a todas as deliberações de justiça e que tomava o aviso como disforme attentado feito á sua pessoa e á sua autoridade, responde que não ia porque se achava occupado no serviço del-rei e que além d'isso não conhecia os officiaes da camara como taes, mas sim como homens rebeldes e levantados contra o serviço de sua magestade e suas reaes ordens e d'elle governador; e outro sim que havia por levantados todos os homens das ilhas e por taes os mandava publicar pela cidade em pregão publico.

« N'esta serie de desordens continuava o governador os seus despotismos..... e a oppressão dos povos se augmentava, vendo espalhada por toda a cidade uma geral perturbação. Elle os obrigava com penas pecuniarias a fazerem guarda á sua porta, tanto de noite como de dia e á noite com arcabuzes e fachos accesos, e aos que faltavam mandava condemnar em vinte cruzados, fazendo-lhes logo penhora em trastes de igual valor até pagarem; e d'este modo continuou a op-

pressão até acabar o seu governo ou desgoverno.

« Neste governo é que pela primeira vez se accordou que houvessem negros para carregarem e descarregarem as embarcações que viam a este porto, facultando-se a Duarte Vaz privativamente para os dar, providencia que produziu terriveis effeitos não só no monopolio que se consentiu áquelle particular, como tambem na copiosa entrada dos negros da costa da Africa, de que progressivamente resultaram as mais tristes consequencias que era possivel, e o mais é que sem remedio até hoje. »

Catalogo dos capitães mores governadores, capitães generaes e vice-reis que tem governado a capitania do Rio de Janeiro desde sua primeira fundação em 1565 até o presente anno de 1811. — Revista trimensal do Instituto historico, t. I, p. 312.

24

Capital da capitania da Bahia.

FIM DAS NOTAS.

INDICE

—

Prologo.....	v
--------------	---

CONTOS POETICOS

O Dizimo.....	3
A Confissão.....	11
A viuvinha.....	35
O sapateiro.....	61
A beata e o estudante.....	75
O dote.....	99
O milagre.....	111
O bemtevi.....	119
NOTAS E CITAÇÕES.....	127

FIM DO INDICE.

159-

Car 12







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).